

# o sol é lindeiro

Artesanato e Identidade dos Municípios Lindeiros ao Lago de Itaipu



Fortalecer a identidade cultural da \*Região Trinacional do Iguassu, com foco no setor artesanal e design, articulando ações para capacitação, transferência de tecnologia e geração de emprego e renda, é a nossa



\*A Região Trinacional do Iguassu é compreendida por uma área geográfica localizada ao longo do leito do Rio Paraná, numa extensão de aproximadamente 600 km, compartilhada pelos três países. No Brasil, abrange os municípios lindeiros ao Lago de Itaipu, na Região Oeste do Paraná, na Argentina, os municípios do estado de Misiones e no Paraguai, os municípios dos estados de Alto Paraná, Itapúa e Canindeyú, na região oriental.

Nandeva: palavra de origem guarani que significa "todos nós"

# o sol é lindeiro

Artesanato e Identidade dos Municípios Lindeiros ao Lago de Itaipu

## Índice Guaira 36 Itaipulândia 56 Marechal Cândido Rondon 76 Medianeira 94 Pato Bragado 112 Santa Helena 130 Santa Terezinha de Itaipu 148 Comunidades Indígenas 168

Ficha Catalográfica

ISBN 978-85-9845-29-6

Fundação Parque Tecnológico Itaipu

O SOL É LINDEIRO

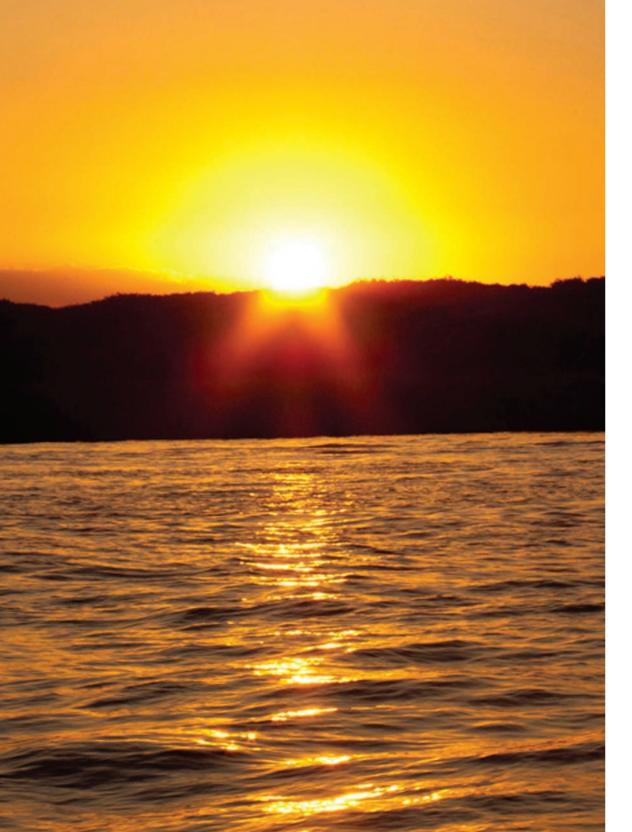
Foz do Iguaçu - 2011

1ª Edição

Editora Parque Itaipu

#### Bibliografia

- 1. Artesanato / 2. Design /
- 3. Iconografia / 4. Identidade Regional /
- 5. Cultura / 6. Municípios Lindeiros







#### Todos somos lindeiros

O Lago de Itaipu como símbolo de vizinhança e de união. Aqui, o conhecimento e o talento de descendentes de europeus, de brasileiros de todas as partes do país, de argentinos, de paraguaios, se mesclam à sabedoria ancestral dos guaranis para formar uma cultura única: a cultura lindeira.

E todos são - todos somos - lindeiros. No espaço geográfico, nos costumes, na lida da terra e na busca de uma vida melhor ou da simples sobrevivência, todos estão próximos. E são vizinhos até no tempo - os guaranis que habitavam a região há milhares de anos ainda estão aqui, embora em número reduzido. E mantêm daqueles primórdios tradições que nunca poderão ser perdidas ou ignoradas.

Porque o homem e a mulher das aldeias têm a ensinar ao homem e à mulher da cidade ou do campo coisas que a nossa civilização somente agora está aprendendo a respeitar.

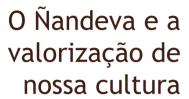
É preciso ouvir os vizinhos, para que a tradição não se perca com a modernidade, mas possa conviver com ela sob o mesmo sol. Este sol que viu os guaranis no seu auge, que viu seu progressivo desaparecimento e que talvez agora esteja acompanhando um novo tipo de relacionamento entre civilizações que, na longa história da humanidade, sempre foram vizinhas no tempo.

Esta vizinhança se traduz em artesanato com características únicas, que o Programa Ñandeva busca resgatar e aprimorar, para que se torne um símbolo das tradições desta terra lindeira.

Com o sol lindeiro como testemunha.

Gilmar Piolla Superintendente de Comunicação Social da Itaipu Binacional





O aspecto cultural de nossa região ganhou força. Mais do que isso: as ações voltadas à fixação da identidade cultural da comunidade trinacional estão garantindo valorização aos nossos artesãos, renda extra às famílias e aperfeiçoamento para que os trabalhos manuais apresentem, além da identidade cultural, qualidade.

Essa evolução constante representa sensibilidade e comunhão de ideais sem que haja distinção de classe. E, nesse caminho percorrido, o Ñandeva provou que, se houver, pessoas comprometidas com o "fazer acontecer", os projetos ganham vida e passam a mudar a vida das pessoas.

Elcio Zimmermann Presidente do Conselho de Desenvolvimento dos Municípios Lindeiros ao Lago de Itaipu





## Resgate cultural

Agregar valor e competitividade, disseminar a cooperação, associar o artesanato ao turismo e ao empreendedorismo e promover o desenvolvimento territorial. Os desafios do Ñandeva são os mesmos do SEBRAE/PR.

Parceiro da proposta, que resgata a identidade cultural do artesanato, cultivado na fronteira entre Brasil, Argentina e Paraguai, o SEBRAE/PR tem orgulho de acompanhar mais essa conquista.

"O Sol é Lindeiro" é uma publicação de primeira linha, que dá sentido ao artesanato trinacional, sob a ótica dos municípios paranaenses que aderiram à ideia. A fauna, a flora, os costumes e as técnicas são traduzidos de forma singular.

Julio Cezar Agostini Diretor de Operações do SEBRAE/PR



#### Ñandeva e sua contribuição para o artesanato regional

O Parque Tecnológico Itaipu (PTI) foi criado em 2003 pela Itaipu Binacional e é um importante polo produtor de conhecimento científico e tecnológico, no Brasil e no Paraguai. Para o PTI, conhecimento tecnológico também é gerado a partir da valorização de saberes tradicionais, como o artesanal. No artesanato, o conhecimento tem aplicação prática e simultânea ao produto, gerando renda e contribuindo para o desenvolvimento sustentável da região. Nesta publicação, o Programa Ñandeva apresenta o resultado do seu trabalho para a reflexão sobre a identidade do artesanato regional. Conciliando visão técnica e humana, o Nandeva inova em métodos participativos, que tornam o artesão ator fundamental nesta constante construção do conhecimento.

Juan Carlos Sotuyo Diretor Superintendente Fundação Parque Tecnológico Itaipu





### Faz parte de nossa missão

A Itaipu Binacional tem a obrigação e o orgulho de apoiar o Programa de Artesanato Ñandeva, que está contribuindo para fortalecer a identidade cultural da região de fronteira trinacional e, em especial, nos municípios lindeiros ao reservatório da usina.

O turista que visita toda a região de fronteira já encontra um artesanato que traduz o talento dos moradores, mas também historicamente embasado em pesquisas e estudos que expandiram a um número crescente de artesãos uma rica iconografia.

Hoje, o Ñandeva chega a oito municípios lindeiros e às comunidades indígenas. Logo, estará em todos os lindeiros, o que representará uma nova possibilidade de renda àqueles que têm a vocação da legítima arte popular.

Contribuir para melhorar a vida nos municípios lindeiros é uma das missões da Itaipu Binacional.

Jorge Miguel Samek Diretor Geral Brasileiro Itaipu Binacional



As Oficinas Criativas são atividades desenvolvidas entre designers e artesãos que, utilizando um método participativo, permitem a identificação de características próprias da cultura local, para a construção de uma coleção de produtos artesanais com a identidade de cada localidade.

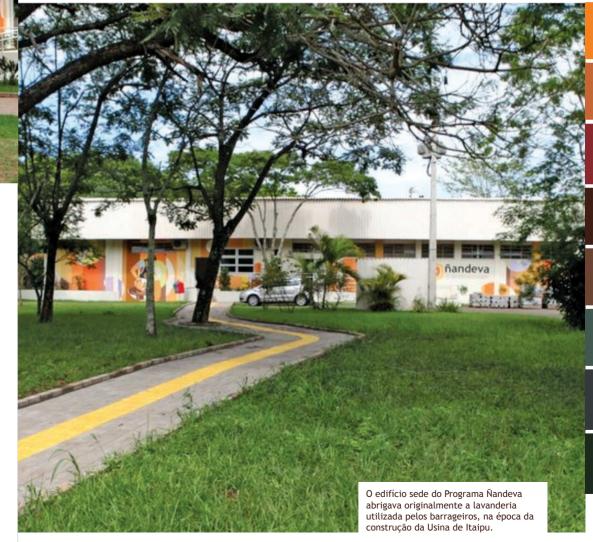
São os próprios artesãos que elegem o tema ou o conceito que norteia todo o processo de criação dos produtos, segundo sua própria interpretação do local, contando com o apoio técnico do designer.

## Ñandeva: um olhar sobre a identidade lindeira

O livro "O sol é lindeiro" traz em suas páginas um registro poético e visual da cultura e da identidade dos municípios lindeiros ao lago de Itaipu no Brasil, através da arte e do artesanato.

Este registro foi feito sob a ótica das ações desenvolvidas pelo Programa Ñandeva nestes locais, que tiveram o objetivo de promover a valorização da identidade de cada cidade participante, para construir a unidade regional.

O livro divide-se em nove capítulos, oito deles dedicados às cidades e um às comunidades indígenas. Os municípios que aqui estão representados são aqueles que já têm parceria firmada com o Ñandeva, o que permite a realização de diversas ações, como as Oficinas Criativas, que resultaram em coleções temáticas em cada um deles.



Este processo teve início com a demanda dos artesãos e das prefeituras municipais, que desejavam ter produtos que comunicassem a identidade local. Os resultados apresentados aqui são fruto da dedicação e do investimento pessoal dos artesãos participantes. É um processo que está em constante desen-

volvimento, valorizando cada indivíduo, com suas técnicas e também suas limitações.

Em 2011, a metodologia desenvolvida pelas oficinas criativas foi certificada pela Fundação Branco do Brasil como Tecnologia Social. Um grande reconhecimento para o esforço de todos os envolvidos e uma excelente oportunidade de disponibilizar ao público em geral o conhecimento gerado pelo Ñandeva.

Em cada município, ou capítulo, também se poderão ler textos com o resumo da história de cada cidade, ilustrados por fotos antigas e atuais. Imagens e textos procuram mostrar aspectos importantes da colonização e do desenvolvimento cultural de cada local.

Após a contextualização histórica, aborda-se a realidade do artesanato realizado atualmente nos municípios. As principais técnicas, materiais e algumas personalidades deste contexto são abordadas no texto. Esta abordagem ampliada da realidade local tem o objetivo de registrar e fazer conhecer as peculiaridades de cada município, pois acreditamos que a valorização só é possível por meio da informação.

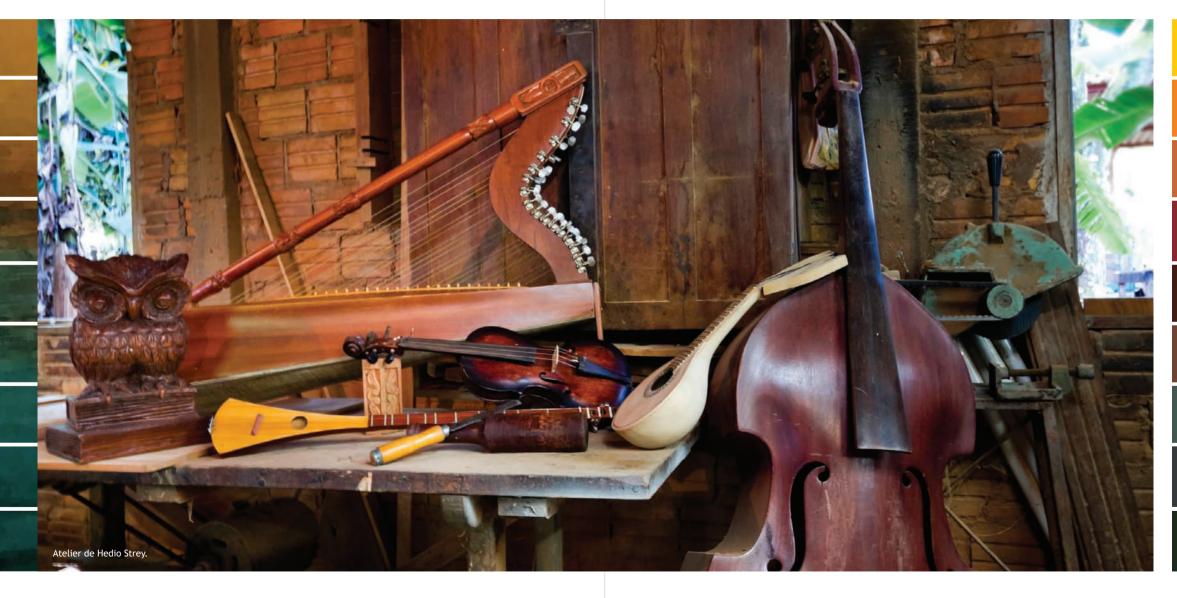
Nas páginas que se seguem tentamos mostrar um pouco da realidade desta região. Contudo, conhecemos nossas limitações. E reconhecemos que muitas pessoas que apoiam o artesanato, valorizam a cultura, promovem a arte, incentivam o desenvolvimento local, podem não estar aqui representadas.

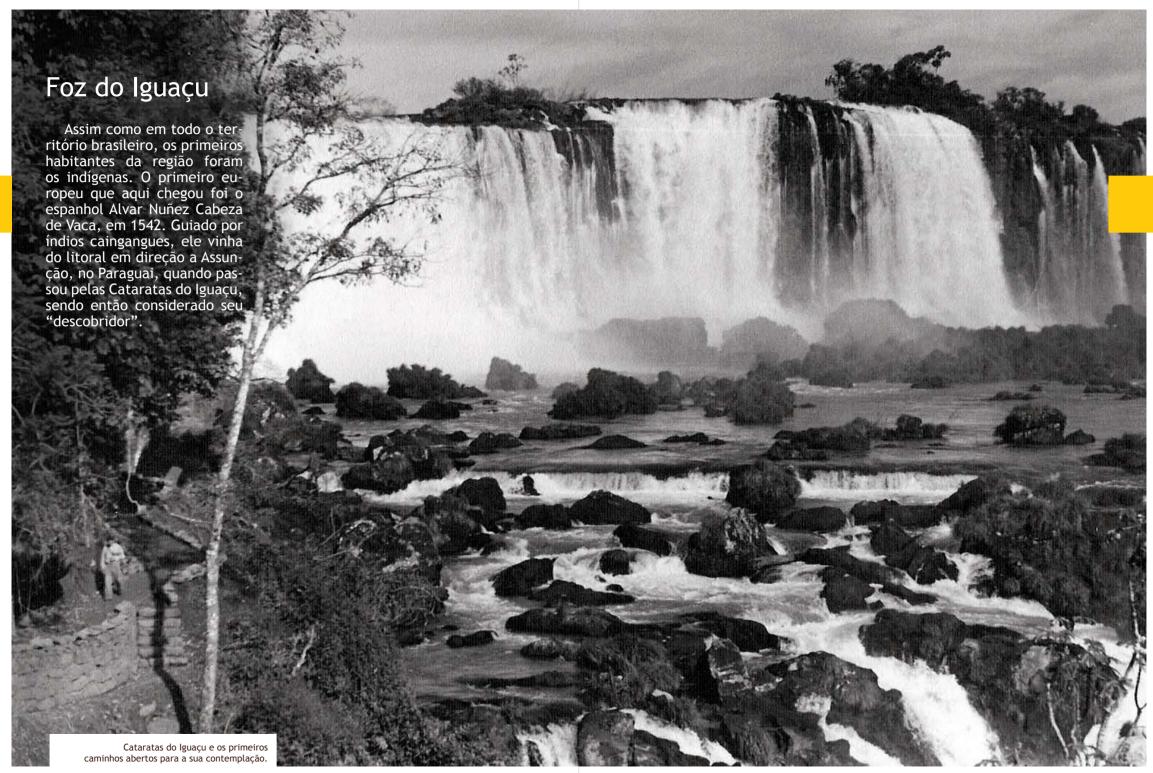
Esta publicação só foi possível graças aos parceiros do Programa Ñandeva: Prefeituras, Associações Comerciais, Conselho dos Municípios Lindeiros, Itaipu Binacional e Sebrae-PR. Agradecemos também a todos os artesãos que participaram das oficinas, dos colaboradores em cada cidade e a todos aqueles que, de alguma forma, nos ajudaram a realizar este trabalho.

Nosso muito obrigado!



# O artesanato nos municípios lindeiros





Em 1881, Foz do Iguaçu recebeu seus primeiros habitantes, que começaram a explorar a erva-mate. Oito anos após, foi fundada a Colônia Militar na fronteira - marco do início da ocupação efetiva por brasileiros daquele local, que viria a ser o município de Foz do Iguaçu.

Em 1889, um levantamento da população identificou 324 habitantes, em sua maioria paraguaios e argentinos, mas também espanhóis e ingleses, atraídos pela exploração da erva-mate e da madeira. Aos poucos começou o cultivo da terra para subsistência e foram erguidas as primeiras casas de comércio.

Em 1910, a Colônia Militar passou à condição de Vila Iguaçu, distrito do Município de Guarapuava. Em 1914 foi criado o Município de Vila Iguaçu, que passou a ser chamado de Foz do Iguaçu em 1918.



Borboleta "Oitenta e Oito".



A história do Parque Nacional do Iguacu comeca no ano de 1916, com a passagem por Foz do Iguacu de Alberto Santos Dumont. o "Pai da Aviação". Extasiado com a beleza das Cataratas e da mata no entorno, ele não se conformou ao saber que toda aquela área pertencia ao espanhol Jesus de Val, residente no Paraguai e autorizado pelo governo brasileiro a representar a soberania nacional no Iguacu. Santos Dumont viaiou então a Curitiba e conseguiu que o então governador do Estado do Paraná, Affonso Alves de Camargo, declarasse de utilidade pública toda a área pertencente ao espanhol, o que 24 anos mais tarde, em 1939, permitiria a criação do Parque Nacional do Iguaçu, a exemplo do que fizera a Argentina em 1934, com o Parque Nacional Iguazú.

Outros acontecimentos importantes da história e do desenvolvimento da cidade são a inauguração da Ponte Internacional da Amizade (Brasil - Paraguai), em 1965, e a inauguração da BR-277, ligando Foz do Iguacu a Curitiba e ao litoral, em 1969. A construcão da usina hidrelétrica de Itaipu (Brasil - Paraguai), iniciada na década de 70, causou fortes impactos na cidade, aumentando consideravelmente o contingente populacional do município, que de 33.970 habitantes, em 1970, passou a 136.320, apenas dez anos depois.

Atualmente, Foz do Iguaçu é o segundo destino brasileiro mais procurado por estrangeiros, depois do Rio de Janeiro, tendo no turismo uma de suas principais fontes de recursos.





#### O artesanato em Foz do Iguaçu

A produção artesanal de Foz do Iguaçu pode ser considerada uma das mais estruturadas e organizadas da região. Os artesãos são representados pelas associações locais e pela Coart - Cooperativa de Artesanato da Região Oeste e Sudoeste do Paraná, na região há mais de 35 anos, sendo a 2ª cooperativa mais antiga do Brasil.

A produção é bastante diversificada no que diz respeito ao uso de materiais e técnicas. De modo geral, os produtos têm como foco o mercado turístico, mas também atendem aos consumidores locais com peças de

decoração, uso pessoal e utilitário.

O artesanato se apresenta como um meio de geração de renda, seja como fonte principal, em alguns casos, seja como complementação para outros. Alguns artesãos têm nesta atividade uma forma de expressão da sua visão de mundo, compartilhada com o desejo de atender à necessidade de seus clientes.

Por ser uma cidade relativamente grande, Foz do Iguaçu apresenta um cenário cultural com muitos representantes na área das artes, vários reconhecidos nacionalmente.

#### Clodomiro Weiss

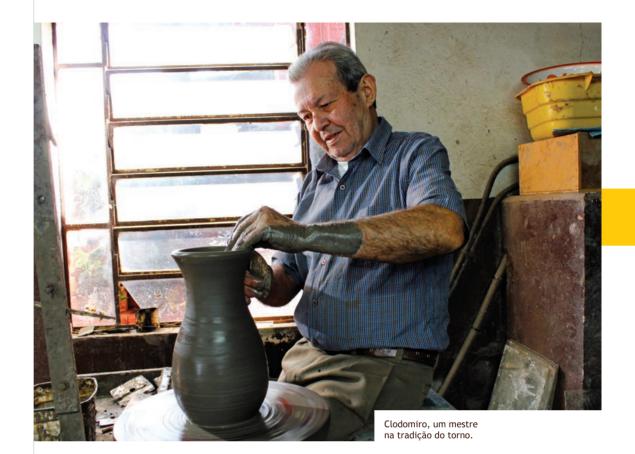
Entre as técnicas com que a argila pode ser trabalhada, o torno é uma das que mais exigem habilidade e dedicação. Clodomiro Weiss um dos sócios fundadores da Coart dedica-se a esta técnica há mais de 50 anos, desde seu primeiro emprego em uma fábrica de vasos e manilhas.

Para alcançar o excelente domínio do torno, ele precisou ser persistente, principalmente no início, quando ficava treinando várias horas na fábrica, depois do expediente, em busca de aprimoramento. Hoje, com a experiência de uma vida dedicada à cerâmi-

ca, domina todo o processo, do preparo da massa à queima, que é feita num forno a gás ou no forno a lenha que ele mesmo construiu.

Apesar de todos os anos de trabalho duro, são poucos os momentos de descanso, que desfruta compartilhando um chimarrão, herança de suas raízes gaúchas. Acostumado com a lida pesada, mostra-se sempre concentrado na produção de vasos, potes e utensílios, entre outros objetos. Discreto, é na certeza de ter feito seu trabalho com qualidade que ele encontra o combustível para continuar sua jornada.





Além de Clodomiro, vários outros artistas plásticos e artistas populares poderiam ser citados neste livro como exemplo da diversidade das expressões artísticas da cidade. É um universo que, por sua variedade, mereceria uma publicação própria.

Como forma de ampliar visualmente esta informação, podemos mostrar o trabalho de outro artista popular que tem se destacado por criar com um material que exige, além de habilidade, força e precisão: o metal. Ivo Fernandes constrói suas esculturas soldando pecas de diferentes tipos de máquinas e motores, transformando-as em personagens urbanos.

De modo geral, o artesanato está bastante associado ao turismo, como materialização da experiência vivida na viagem. Por sua vocação turística, Foz do Iguaçu tem um grande mercado para o artesanato. Contudo, os produtos artesanais vendidos na cidade ainda são, na sua maioria vindos de outras regiões, não retratando os traços da rica identidade multicultural da cidade.



Outro mercado em crescimento é o atendimento a empresas, que pode representar uma boa oportunidade de comercialização para os artesãos locais. No entanto, ainda precisa ser explorado com maior profissionalismo e produtos adequados.

Na contramão destas dificuldades comerciais e na busca de oportunidades, algumas ações estão há algum tempo sendo desenvolvidas. Em 2009, a Coart teve um projeto contemplado pelo edital do Programa Caixa de Apoio ao Artesanato Brasileiro. Com o recurso obtido, a cooperativa teve a oportunidade de desenvolver uma oficina que uniu designers e artesãos para a definição conjunta do desenho

de ícones de elementos representativos da cidade.

Este trabalho resultou em três grupos de ícones. abordando os temas: Água (Canal da Piracema, Marco das Três Fronteiras, Cataratas, Itaipu), Natureza (Borboleta 88, Tucano, Ipê Roxo e Quati) e Diversidade (Mesquita Muçulmana, Templo Budista, Cuias de Mate, Chimarrão e Tererê e Ponte da Amizade). A partir destes elementos gráficos e com o apoio do Ñandeva, foram criados diversos produtos para compor uma coleção. Por ser a primeira coleção, optou-se por utilizar inicialmente como tema as Cataratas do Iguaçu, resultando na Coleção Cataratas.

#### Ivo Fernandes

Das sucatas de metal que Ivo Fernandes recolhe nascem os mais variados objetos. Cada pedaço de metal é cuidadosamente estudado, seu potencial estético é analisado para a melhor composição em suas esculturas. Nada é por acaso.

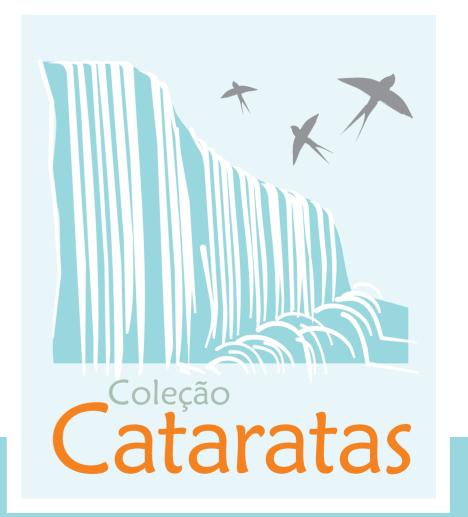
O metal simboliza força, durabilidade e precisão. É um dos materiais mais difíceis de ser trabalhado no artesanato, mas é também o que resulta em peças exclusivas, inusitadas e de grande beleza. Residindo há mais de 30 anos em Foz do Iguaçu, foi na aposentadoria, após muitos anos dedicando-se ao comércio, que Ivo passou a dedicar-se à arte da confeccionar esculturas. E ele procura disseminar seus conhecimentos a crianças carentes da região.

Ivo já vendeu peças para o todo o país e para o exterior. Dando novo uso à sucata, ele vai além da questão artística, dá à sua produção um caráter social e ecológico.



## Foz do Iguaçu

artesanato



#### Coleção Cataratas

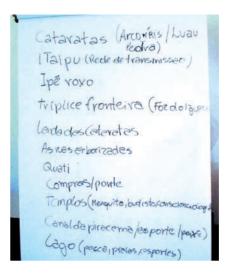
Foz do Iguaçu é uma cidade com muitos atrativos e tem o privilégio de contar com uma maravilha da natureza: as Cataratas do Iguaçu, uma das principais atrações turísticas do Brasil e do mundo.

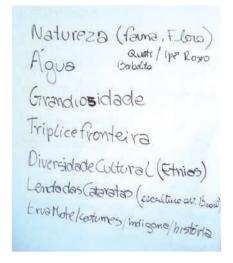
Exuberante, monumental, comovente. Palavras não conseguem explicar as sensações de estar diante da força e da beleza das Cataratas. Sensações que nos invadem não só pelo olhar, mas também pelos aromas da natureza no entorno das quedas, pelo som retumbante da água ao se precipitar nas rochas e pela suave brisa úmida que envolve e refresca.

A partir de um trabalho participativo, os principais pontos turísticos de Foz do Iguaçu, com destaque para as Cataratas do Iguaçu, se transformaram em ícones para o artesanato local. Ora colorido por um eterno arco-íris, ora povoado por pássaros, o ícone busca representar este monumento da natureza, sem a pretensão de retratar toda sua exuberância, mas permitindo que o artesão o apresente a partir de sua técnica e dos materiais que utiliza.

É um imenso desafio tentar reproduzir em tecidos, cerâmica e papel, entre outros materiais, as sensações da experiência de se visitar as Cataratas. Mas foi a superação deste desafio que resultou na Coleção Cataratas de produtos artesanais de Foz do Iguaçu. Trabalhadas com muita sensibilidade pelos artesãos participantes, as peças artesanais tentam materializar as sensações que as Cataratas evocam, sendo fonte de inspiração e recordação para aqueles que as adquirem.







Etapa inicial do processo de definição dos elementos com valor simbólico para Foz do Iguaçu.



# Cataratas

Ícones de Foz do Iguaçu



Canal da Piracema



ncontro do Rio Paraná com Rio Iguaçu, triplice fronteira





Cataratas do Iguaçu

Itaipu Binaciona









o-íris Lua cheia Bor

Andorinhas



Borboleta 88



Tucai



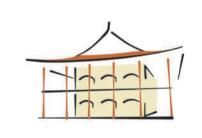
Ipê Roxo



Ouat



Mesquita Árabe



Templo Budist







Ponte da Amizade

31



Pratinhos em cerâmica: Dircéia Braga. Copinhos em cerâmica: parceria entre Maria Cheung, Nilse Mognol e Clodomiro Weiss. Colar pulseira de feltro: Nadine Martinez.

Camiseta com aplicação e pintura manual: Lília Mônica Almeida. Cartões decorados com elementos da natureza: Ilza Alliana.



Blocos e cadernos feitos com papel reciclado artesanal: Paulo Fernandes.



Porta-guardanapos: Luiz Teigão e Ana Maria Teigão.



Risque-rabisque: Simone Lotero.

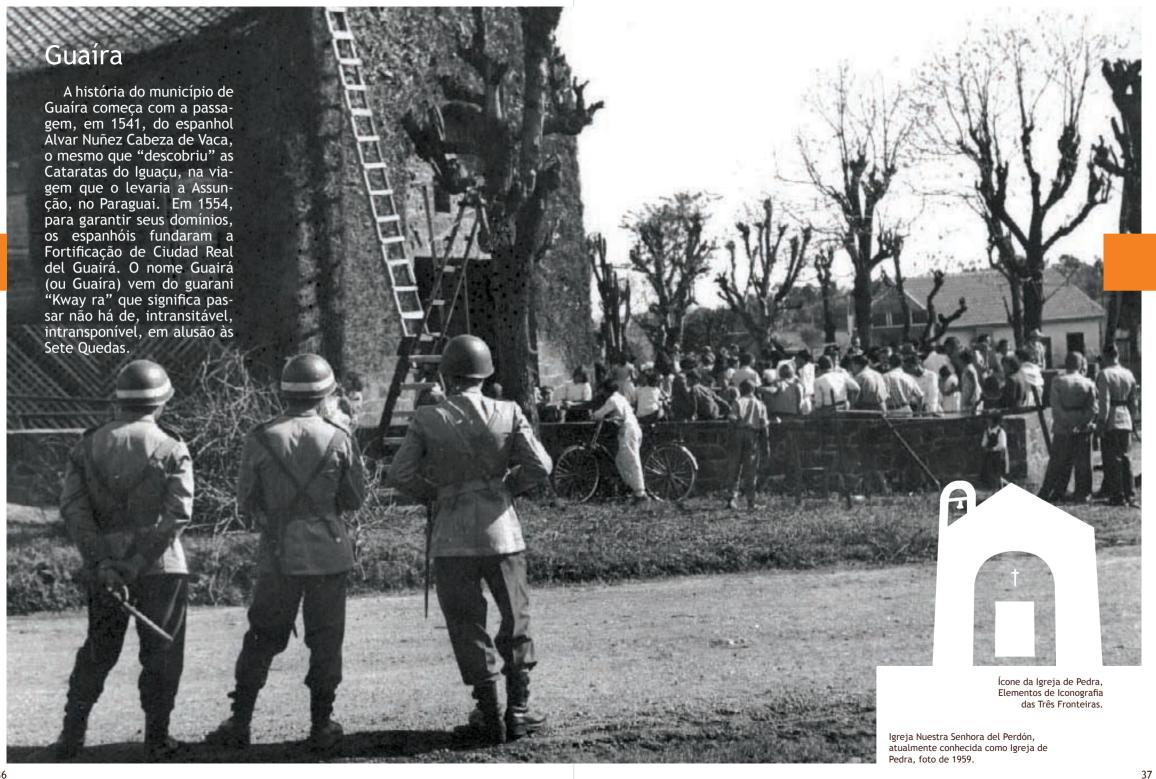


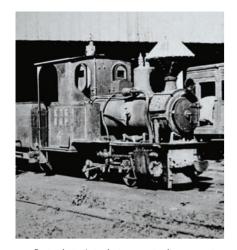


Copinhos em cerâmica: parceria entre Maria Cheung, Nilse Mognol e Clodomiro Weiss.





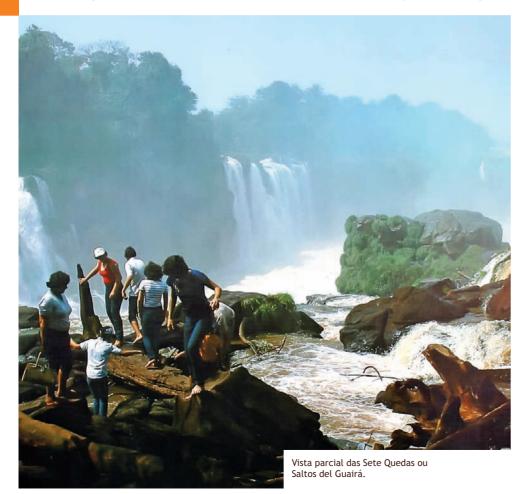




Parte do trajeto de transporte da erva-mate, desde o alto ao baixo Paraná, era feito por terra. Ou seja, 45 km de Guaíra a Porto Mendes.



A Igreja de Pedra foi construída em 1923, para cumprir uma promessa feita pela esposa de Otto Rhoder, diretor da Companhia Mate Laranjeira.



Foi a partir de 1608 que se iniciou a evangelização dos indígenas da região, por meio dos jesuítas da Companhia de Jesus. Instalaram-se as primeiras reduções, nas quais os indígenas aprendiam a viver segundo a cultura (e principalmente a religião) ocidental, a partir do que definiam os padres jesuítas.

Em busca de indígenas para serem comercializados como escravos, os bandeirantes provindos de São Paulo destruíram as reduções jesuíticas do Paraná, em 1628. Milhares de índios foram mortos por resistir e muitos outros tiveram que fugir para a Argentina, o Paraguai e o Uruguai. Os bandeirantes passaram a atacar também as povoações espanholas de Ciudad Real e Villa Rica, que foram completamente abandonadas pelos espanhóis em 1632.

Entre 1864 e 1870, durante a Guerra da Tríplice Aliança (união da Argentina, Brasil e Uruguai contra o Paraguai), muitos vestígios das reduções jesuíticas foram destruídos e jogados nos rios.

A partir de 1882, iniciou-se a exploração da erva-mate por Thomaz Laranjeira e, em 1902, se estabelece em Guaíra a empresa Mate Laranjeira, que proporcionou a construção das primeiras edificações e a estrada de ferro ligando ao Porto Men-

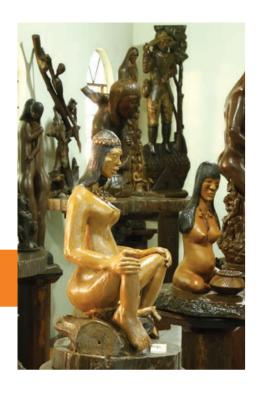
des, no Rio Paraná. A partir de 1919, a cidade já contava com iluminação elétrica a vapor, serviço de limpeza pública, capela, biblioteca, escola, hospital, laboratório, serviço telefônico, metalurgia e policiamento.

Em 1924, a Coluna Prestes toma Guaíra, sendo reintegrada pelos legalistas em 1925. Somente em 1951 é que se constitui oficialmente o município de Guaíra. Em 1982, as famosas sete quedas do Rio Paraná são encobertas pelas águas do reservatório de Itaipu.

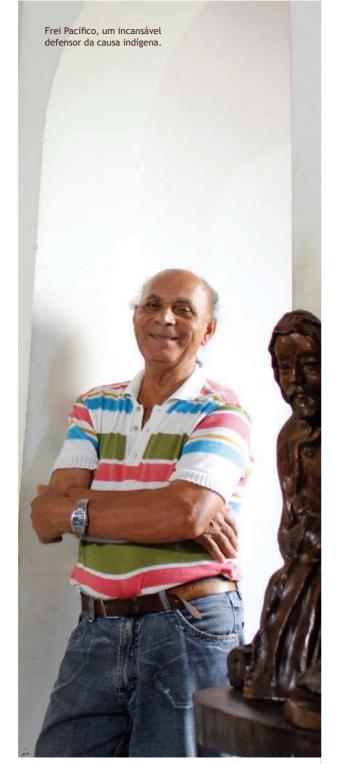
### O artesanato em Guaíra

O artesanato em Guaíra, assim como na maioria dos municípios da região, é eclético. Em termos de quantidade, há um predomínio de produtos feitos com fios e tecidos, com uso de técnicas como bordado, crochê, tricô, costura e pintura.

Ressalta-se, contudo, a produção cerâmica local, como o recipiente chamado de telha, em que se prepara uma receita típica de peixe. A cerâmica ilustra também a miscigenação étnica que compõe a cidade. Esta pluralidade oferece aos artesãos inspiração na arte indígena e na cultura oriental para a produção de seus trabalhos.







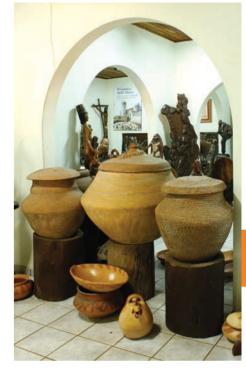
#### Frei Pacífico

Antônio Augusto Sobrinho é mais conhecido como Frei Pacífico, denominação que herdou por ter se dedicado à vida religiosa durante sua juventude. Hoje, é um renomado artista, abnegado defensor da natureza e da causa indígena.

Escultor em madeira e ceramista, possui inúmeras obras, expostas na galeria particular que montou em sua casa. Constantemente visitado, o local é ponto de referência da história e da cultura da região. Lá, os visitantes são recebidos, com simpatia e presteza, pelo próprio artista e sua esposa.

Boa parte de suas obras retrata a cultura indígena de forma contundente e realista, em esculturas de madeira e em réplicas de potes e urnas funerárias guaranis, feitas de cerâmica. A temática sacra igualmente povoa sua produção, com peças de grande expressividade.

Multifacetado, Frei Pacífico também é educador e ambientalista, dedicando-se ao reflorestamento das ilhas do Rio Paraná. Recentemente, como escritor, publicou seu primeiro livro, que mescla sua autobiografia com a história e as lendas da cidade de Guaíra.



Esculturas e réplicas de urnas guaranis em cerâmica expostas para visitação na galeria particular de Frei Pacífico.

Entre os artesãos de Guaíra, destaca-se o trabalho com a argila e a madeira executado por Frei Pacífico. As esculturas e reproduções de urnas guaranis o consagraram como um dos mais importantes artistas da cidade.

Além das telhas de cerâmica, já bastante reconhecidas na região, e do trabalho de resgate da cultura indígena realizado por Frei Pacífico, um casal vem trazendo referências contemporâneas para a produção cerâmica local.

Tendo o artesanato como principal fonte de renda, Vilson e Ulcimar estão ganhando mercados, tendo produtos comercializados em todo o Brasil.



#### Ulcimar Machado e Vilson Massuo

Segundo a filosofia oriental, o universo está dividido em duas metades complementares. O casal Vilson e Ulcimar comprova esta filosofia no seu dia a dia, complementando-se não só na vida pessoal, mas também em sua produção cerâmica.

A influência oriental, herdada da ascendência japonesa de Vilson, também está explícita na busca pela perfeição nos acabamentos e formas que as peças de porcelana *paperclay* adquirem pelas mãos deste casal.

A união na criação e execução de peças utilitárias com desenho próprio tem como efeito produtos com alto nível de qualidade. Pesquisando e experimentando, desenvolveram a formulação de um corante exclusivo, que leva na composição cinza de bananeira.

A atenção dada aos mínimos detalhes é arrematada pela forma minuciosa com que os produtos são embalados. Dedicação que se reflete no sucesso e reconhecimento que o trabalho deste casal vem ganhando.

A soma do Oriente com o Ocidente não poderia ter dado melhor resultado. Um casal que se complementa, compartilhando a vida e o amor pela cerâmica.





#### Ana Menel

Ana Menel é mais que artesã, ela é antes de tudo uma contadora de histórias. Trabalhando a palha do milho com cuidado, ela modela índios, jesuítas, bandeirantes e imigrantes. Personagens da história não só de Guaíra, mas de toda a região.

Seus bonecos em fibras naturais são os atores, que tornam as apresentações que ela realiza para os turistas da cidade ainda mais interessantes. Estes perso-

nagens também já figuraram em vídeos e livros sobre a cidade e o artesanato.

Pequenos ramos secos tornamse lanças ou cruzes; folhas e fibras viram rendas, tecidos e adereços; penas tornam-se cocares; minúsculas flores se transformam em buquês; lendas e histórias materializam-se. Tudo isso modelado pelas mãos e expresso também pelas palavras de Ana. Além das matérias-primas já destacadas, a cidade oferece ainda produtos em madeira, EVA, materiais reciclados, entre outros, que resultam em peças utilitárias, decorativas e de uso pessoal.

Diferenciando-se dos demais, a artesã e contadora de histórias Ana Menel cria, mesclando fibras naturais como a palha do milho, personagens que ilustram a história e a cultura local de Guaíra.

As influências culturais de Guaíra são fruto tanto da pluralidade de sua colonização, quanto pelo fato de ser uma cidade de fronteira. Isto está claramente representado na sua produção artesanal.

Mesmo diante de algumas ex-

pressões genuínas da identidade local, os produtos em sua maioria ainda estão carentes dessas referências.

Observando a demanda das pessoas que visitam a cidade por produtos com maior relação com o local, a Associação de Artesãos de Guaíra, a Prefeitura e o Ñandeva iniciaram um processo de reflexão e apropriação de sua própria identidade e referências culturais.

Num trabalho participativo denominado de Oficina Criativa, foi eleito um dos diversos elementos da cultura local, resultando na Coleção Peixes do Rio Paraná.



### artesanato GUAÍRA

PEIXES do Rio Paraná

Da esquerda para a direita, em pé: Ana Menel, Simone Aparecida dos Santos Moritz (com Mariana na barriga), Neli Maria do Nascimento, Vilson Massuo Isigaki e Ulcimar de Oliveira Machado (com Fernando na barriga).

Abaixados:

Marcos Moritz, Ivaneide F. Coelho, Margarida M. de Souza Jardim e Rosangela Diogo Ripi Pereira.

Ausentes na foto: Eleonora Moritz dos Santos, Fabiano Schwingel, Fátima Aparecida da Silva, Hatsu Endo, Maria Dolores A. Silva, Maria Isabel Romão da Silva, Maria Murata, Matuko Mine e Waldemar Maliuk.



#### Coleção Peixes do Rio Paraná

Guaíra é a cidade onde o Rio Paraná se torna Lago de Itaipu. O rio é de grande importância para a história do local e seu desenvolvimento até os dias de hoje. Além disso, influencia muito o cotidiano das pessoas que moram nesta cidade. O rio marca a fronteira com o Paraguai e a divisa com o Estado do Mato Grosso do Sul. A ligação com o município sul-mato-grossense de Mundo Novo é feita pela Ponte Ayrton Senna. Um serviço de balsas faz a ligação com Salto del Guairá, no Paraguai.

O turismo é uma atividade de destaque em Guaíra, onde o Lago de Itaipu permite a prática de esportes náuticos e passeios de barco, com destaque também para a pesca, profissional ou amadora.

Os peixes são, neste contexto, personagens de destaque. Eles representam fonte de alimento e renda para muitos moradores, mas, acima de tudo, são eles que dão vida ao rio.

A coleção Peixes do Rio Paraná retrata as principais espécies de peixes que povoam este rio e o reservatório nele formado a partir de Guaíra. São pintados, dourados, piaparas, jaús, tucunarés, pacus e corvinas que decoram e dão identidade aos produtos locais.

É o retrato de uma realidade sentida e interpretada por cada artesão de Guaíra, que se transforma em produtos artesanais.







### Elementos gráficos e identidade visual



laí

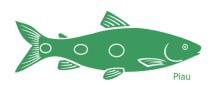








Tucunar



Dourado



Como parte das ações para o desenvolvimento da coleção, foram definidas pelos artesãos de Guaíra as principais espécies que povoam o Rio Paraná e o Lago de Itaipu. A partir de fotos e catálogos de pesca, foram elaborados desenhos de peixes para facilitar sua representação nas peças.

Para adequar o conceito a toda a variedade de técnicas e materiais dos artesãos, o trabalho não se limitou à figura do peixe em si, mas houve também a preocupação de utilizar as cores, o desenho das escamas e da água, além da representação do pescador.

Também foi incentivada nos artesãos a interpretação livre da figura dos peixes, para aumentar a oportunidade de atender ao gosto do seu consumidor. Por outro lado, isso também permite ao artesão representá-lo segundo sua criati-

vidade, interesse e habilidade técnica.

Paralelamente, foi desenvolvida também toda a identidade visual do artesanato, aplicada em etiquetas, folder e banners de divulgação. A logomarca que representa a coleção apropriase da forma do peixe como elemento gráfico, remetendo visualmente ao conceito da coleção.

As cores suaves, em verde e azul, são complementadas pelos tons de terra, representando a água por vezes barrenta do Rio Paraná e do Lago de Itaipu.

Os produtos da coleção são identificados pela sua etiqueta e podem ser encontrados na Associação de Artesãos de Guaíra.







Etiqueta, frente e verso.





Porta-chaves e chaveiro de madeira: Waldemar Maliuk. Tapete peixe: Ivaneide F. Coelho.









Amoladores de faca em forma de peixes do Rio Paraná, dourado e pintado: Ulcimar Machado e Vilson Massuo.





Travessas em forma de peixe: Ulcimar Machado e Vilson Massuo.

#### Itaipulândia

A área que abrange o atual território do município de Itaipulândia possuía, na época da colonização do Oeste paranaense, portos importantes como Sol de Maio, Itacorá, Sete de Setembro e Moleda. Eles serviam de porta de saída da erva-mate e madeira retiradas da região.

A efetiva colonização ocorreu no início da década de 1960. A então Vila de Itacorá, localizada às margens do Rio Paraná e onde também passava a rodovia Guaíra/Foz do Iguaçu, atraiu um grande número de colonos gaúchos e catarinenses, sendo a maioria deles de origem italiana e

alemã, vindos para a região em busca de novas terras cultiváveis, famosas pela alta fertilidade.

Itacorá prosperou rapidamente, sendo elevado à categoria de distrito administrativo de São Miguel do Iguaçu em 24 de maio de 1966. Mas, em 1982, Itacorá foi totalmente submerso pelas águas do Rio Paraná, para a formação do reservatório da usina de Itaipu.

As famílias que ali residiam foram indenizadas e buscaram outros lugares para se instalar. Muitas continuaram no próprio município (São Miguel do Iguaçu), mas a maioria se deslocou para outros estados e até para o Paraguai.





Missa crioula no barracão de uma das primeiras serrarias de Aparecidinha D'Oeste, local onde hoje estão a praça e o edifício da prefeitura.



Tradicional Festa do Dourado no Carrossel.

Com a extinção de Itacorá, as vilas de São José do Itavó e Aparecidinha D'Oeste foram elevadas à categoria de distritos administrativos do município de São Miguel do Iguaçu, em 1980.

Um plebiscito, em 1992, aprovou a emancipação desses distritos e a criação de um novo município. Houve um impasse em relação à escolha do nome, já que Aparecidinha D' Oeste ou Aparecida do Oeste, como também era conhecido o local, não podiam ser usados, pois já existiam no país municípios com essa denominação. Para definir o nome do novo município, foram feitas várias pesquisas entre a população, e no final decidiu-se por Itaipulândia, em homenagem à usina hidrelétrica de Itaipu.



#### O artesanato em Itaipulândia

Itaipulândia tem todos os encantos de uma cidade pequena: povo acolhedor, moradias simples e sempre embelezadas por jardins floridos, campos e plantações em tons de verde vivo que se integram ao quintal das casas.

A agricultura é uma importante atividade para a cidade, assim como vem crescendo o turismo como alternativa econômica.

Neste contexto, o artesanato tira proveito justamente de um dos principais cultivos na cidade, a plantação de bananas.

O artesanato feito com a fibra da bananeira já é praticado por vários artesãos do município, entre eles o Grupo de Artesãs do Distrito de São José do Itavó, na área rural de Itaipulândia, que usa esta fibra como principal material para suas criações.

Mas nem só de fibra vive o ar-

tesanato da cidade. Algumas pessoas iniciam o trabalho com a argila, que, se incentivado, pode agregar variedade e qualidade à produção artesanal local. O artesanato em madeira, antes abundante da região, tem como representante o artesão João do Formão. Atualmente, com a escassez da madeira, João produz suas esculturas entalhadas utilizando raízes e troncos caídos, bem como materiais sintéticos como resinas e parafina.

A peregrinação para visitação de Nossa Senhora Aparecida, assim como as festividades natalinas, atraem um grande fluxo de visitantes. No Natal Iluminado, a cidade toda é enfeitada e a movimentação favorece o artesanato local, tanto na confecção de peças de decoração para o evento, como na venda de produtos temáticos para os turistas.





Para se chegar ao resultado de delicadas rendas de fibra, muito trabalho pesado é necessário.



Produtos cheios de estilo surgem do esforço e dedicação no trabalho com a fibra.

#### Grupo de artesãs do São José do Itavó

A bananeira produz seus cachos de bananas apenas uma vez. Depois que produz, o caule da bananeira deve ser cortado para que uma nova planta brote e possa produzir novamente.

Tirando proveito da grande produção local de bananas e, consequentemente, da fartura de matéria-prima renovável, as artesãs encontraram na fibra retirada do caule da bananeira a identidade para seus produtos.

O preparo da fibra exige muito conhecimento da técnica e trabalho duro. Com a fibra preparada e seca, as artesãs, sentadas sob a árvore, tecem peças de decoração e acessórios de uso pessoal que surgem de tranças e amarrações finas como renda.

A habilidade das integrantes deste grupo, iniciado por Anália Lino Ferreira e Emília Ferreira Machado, vai da força bruta, necessária para o preparo da fibra, à delicadeza e destreza necessárias para a confecção de pecas inovadoras.

Em todos os momentos, as artesãs estão acompanhadas por Dengoso, o cachorro de estimação de Emília. Ele segue cada passo de sua dona, fielmente aguardando o momento de poder deitar-se sob sua cadeira, sentindo-se também parte do grupo.





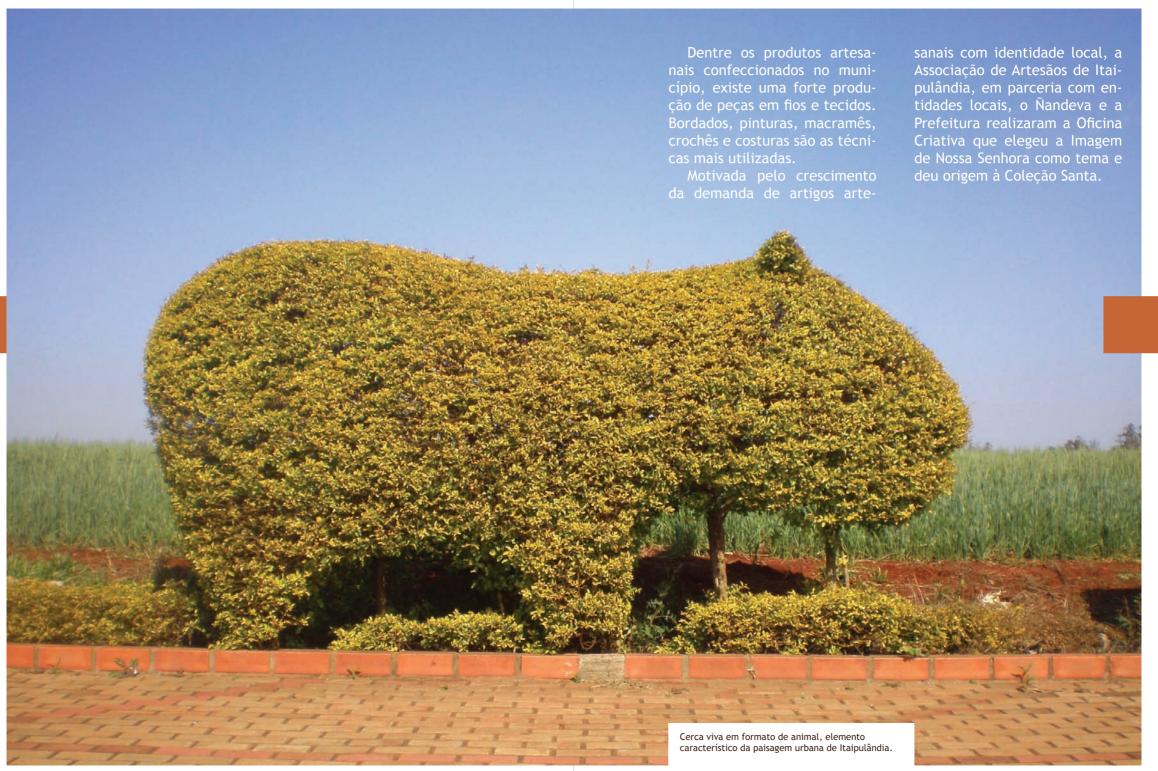
#### João Gregório de Sousa Neto

Não é à toa que o artesão João Gregório de Sousa Neto é conhecido como João do Formão. Afinal, essa ferramenta é quase a extensão de suas próprias mãos.

João começou a entalhar madeira ainda criança, aos 8 anos de idade. Aos 15 anos, começou a produzir profissionalmente e, desde então, vive de sua arte.

Em sua trajetória, já entalhou muitas peças, grandes e pequenas, com diferentes temáticas, por encomenda ou simplesmente por amor ao ofício. Destaca-se pela habilidade e qualidade da técnica.

Na busca por aperfeiçoamento, agregou novas técnicas e materiais, especializando-se em peças para decoração natalina e imagens religiosas. Reside com sua família em Itaipulândia, onde produz e comercializa para toda a região.









#### Coleção Santa

Itaipulândia é uma pequena cidade banhada pelo lago de Itaipu e observada do alto de um morro por uma imponente imagem de Nossa Senhora Aparecida, uma das maiores do Brasil e um grande atrativo da cidade.

O povo simples e acolhedor de Itaipulândia tem na imagem da santa uma fonte de inspiração e de fé. Em datas comemorativas, a imagem é decorada com luzes e flores, deixando-a ainda mais bonita para os cidadãos e também para os peregrinos que a visitam.

O caminho que leva até a santa tornou-se também outro atrativo. A cerca viva que ladeia toda a subida do morro até os pés da santa é cuidadosamente podada em forma de peixes, capivaras, anjos, cuias e chaleiras, entre outros.





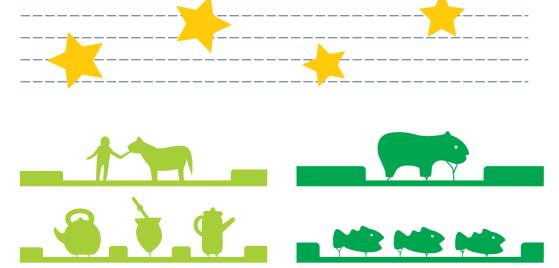
"Siga o mestre", atividade de integração e aquecimento durante a oficina.



Cesto de fibra em processo de produção.







Os produtos da Coleção Santa utilizam como elementos gráficos a representação estilizada da imagem e da cerca viva. O azul do manto, o amarelo das estrelas e os tons de verde da cerca viva são as cores que inspiraram esta coleção.

A coleção é composta por produtos bastante diversificados, mas com predomínio de peças feitas com fibra de bananeira, planta que é cultivada na própria cidade.

Além dos elementos gráficos, confeccionou-se a identidade

visual da coleção aplicada em etiquetas, panfletos e banners para divulgação dos produtos.

Os produtos resultantes da coleção foram lançados num evento realizado no dia 12 de outubro de 2010, aproveitando o fluxo de visitantes para as festividades em comemoração a Nossa Senhora.

Para informações da Coleção Santa entre em contato com a Associação Comercial de Itaipulândia.



Etiqueta, frente e verso.







Bolsa para garrafa de água e celular: Maria de Jesus Ruschel.







#### Marechal Cândido Rondon

Embora a história de ocupação oficial do município de Marechal Cândido Rondon tenha início na década de 1950, há registros arqueológicos do século XVI que mostram a ocupação da região por antigas tribos indígenas, principalmente na área do Distrito de Porto Mendes. Entre estes registros estão peças líticas, cerâmicas, vítreas e metálicas.

Entre o final do século XIX e início do século XX, a região - como quase todo o Oeste paranaense - foi explorada pelas chamadas "obrages", empresas estrangeiras (principalmente argentinas) que extraíam erva-mate e madeira do Oeste do Paraná, utilizando como mão de obra os índios guaranis, vindos do Paraguai.





Detalhe do bordado em traje típico alemão.



Ônibus realizando o transporte de passageiros pelas estradas ainda precárias da cidade.





Desfile escolar de 7 de Setembro.

A área do município, entre 1930 e 1940, fazia parte da Fazenda Britânia, que somava 274.846 hectares e pertencia à Companhia Madeireira Del Alto Paraná. Em 1946, com apoio do governo federal, que queria evitar a presença de empresas estrangeiras no Oeste do Paraná, a empresa Maripá (Industrial Madeireira Colonizadora Rio Paraná S/A) adquiriu a fazenda, interessada na extração, beneficiamento e exportação de madeira e também na colonização da região.

A área da fazenda foi dividida em pequenas propriedades, de aproximadamente 10 alqueires, cada uma com acesso a um curso d'água. Na seleção dos colonos, a empresa dava preferência a comerciantes e agricultores de Santa Catarina e Rio Grande do Cândido Rondon

Sul, com ascendência italiana ou alemã.

Os primeiros colonos chegaram em 7 de março de 1950, mas foi a partir de 1951 que efetivamente a migração sulina tomou vulto, configurando-se um novo quadro populacional na região.

Em 1953, a Vila General Rondon passou a ser distrito de Toledo e, em 25 de julho de 1960, em lei sancionada pelo então governador Moisés Lupion, passou à condição de município, recebendo o nome de Marechal Cândido Rondon.

O nome da cidade foi em homenagem ao Marechal Cândido Mariano da Silva Rondon (1865-1958), militar e geógrafo, que desbravou e integrou os sertões do Brasil.

#### O artesanato em Marechal Cândido Rondon

A produção artesanal de Marechal Cândido Rondon é composta por objetos de diferentes materiais, com importante participação das técnicas realizadas com fios e tecidos. Nesta diversidade, produtos sintéticos como colares de miçangas e chinelos convivem lado a lado com as fibras naturais.

Vários artesãos se dedicam a este material, produzindo caixas, capelinhas e outros objetos decorativos pela técnica da marchetaria, além de brinquedos e utilitários feitos com marcenaria tradicional e pintura manual.

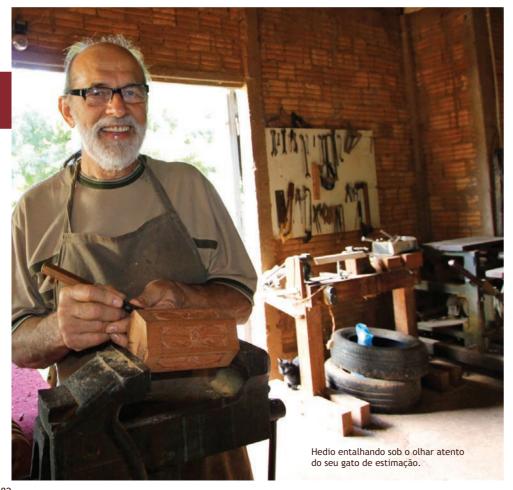
Dentre os trabalhos com a madeira, diferencia-se o de Hedio Strey: confecção de instrumentos musicais.



Com o objetivo de dar a todos os artesãos a oportunidade de ter produtos qualificados e representativos do local, uma parceria entre a Associação Rondonense de Artesãos, a Prefeitura e o Ñandeva resultou numa oficina criativa, que por sua vez gerou a Coleção Germânica, uma coleção de produtos artesanais que evidencia a identidade local.



Instrumentos musicais produzidos pelo *luthier* Hedio.



Detalhe de violoncelo pronto e charango em confecção.

#### Hedio Strey

O artesão Hedio Strey dedica-se exclusivamente ao trabalho com madeira deste os 30 anos de idade, quando a paixão pelo ofício o fez desistir de outras atividades, para tirar deste material seu sustento e a possibilidade de expressar sua visão de mundo.

O barracão onde se situa sua oficina é um espaço de singela beleza. Janelas e portas abrem-se para a luz do dia, que ilumina parcialmente a desgastada bancada, onde o artista se posiciona para trabalhar. Dois gatos esguios detêm-se ora sob o sol que entra pela porta, ora sobre o parapeito da janela de onde observam, num misto de descaso e interesse, a movimentação.

Hábil escultor, tendo peças sacras até no Vaticano, Hedio se destaca também na produção e restauro de móveis e de instrumentos musicais. Espalhados pelo ateliê encontram-se violinos, violões, charangas, harpas e violoncelos. Instrumentos que vão ganhando vida e musicalidade pelas mãos deste artista e *luthier*.

## Artesanato

Marechal Cândido Rondon

# Coleção Germânica





Rose Winter, Sirlei de Souza e Líria Leduc.



Produtos exposto no lançamento.

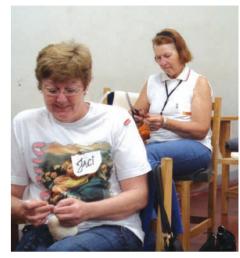
# Artesãos e parceiros reunidos no dia do lançamento dos produtos.

#### Coleção Germânica

As características que compõem o universo cultural de uma cidade são sempre a junção de muitos fatores. Em Marechal Cândido Rondon, percebe-se essa identidade nos traços da fisionomia dos moradores e no sotaque, perceptível principalmente nos erres.

O que define estas características é a forte colonização germânica da cidade, que vem tentando preservar como referência de identidade em diferentes manifestações como na gastronomia, em suas festas, danças, canto e arquitetura.

É justamente numa destas referências, a arquitetura, que os produtos da Coleção Germânica se inspiraram. O estilo Enxaimel é bastante característico por usar caibros de madeira que ficam aparentes. O desenho que estas estruturas compõem é um elemento que pode ser adaptado e reproduzido em diferentes técnicas de artesanato.



Artesãs produzindo durante a oficina criativa.

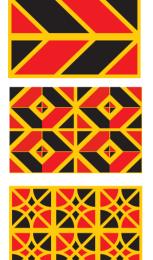


Exercício de avaliação conjunta dos produtos.



### Coleção Germânica

Elementos gráficos e identidade visual





Detalhes de fachadas.





Estampas e

Reprodução de algumas das fachadas do Centro de Exposições.



O artesanato bastante diversificado, em que cada peça é feita com dedicação pelo artesão, vai do tecido bordado à marcenaria. Os produtos levam a interpretação que o artesão faz da arquitetura, reproduzindo de forma estilizada as fachadas ou alguns de seus detalhes.

Algumas peças levam como referência apenas as cores características da cultura germânica: vermelho, amarelo e preto. Mais que uma origem comum, essas cores materializam a força, coragem e vibração destas pessoas.

Os produtos resultantes da oficina que gerou a Coleção Germânica foram lançados no mercado em evento que contou com a presença das autoridades locais, como o prefeito e o secretário de turismo. Para este evento, a loja de artesanato foi ambientada com móveis antigos, cedidos pelos próprios artesãos, que serviram para expor os produtos da coleção.

Para reforçar a identidade visual da Coleção Germânica, foram desenvolvidos banners, panfletos, etiquetas e também convites para o evento.

Os produtos podem ser encontrados na Casa do Artesão - Associação Rondonense de Artesãos.





Etiqueta, frente e verso.



Tapete de crochê: Walli S. Kistemacher.



Detalhes do bordado das carteiras: Cecília Matzembacher.





Paisagens tridimensionais em quadrinhos: Clara Bofinger Grenzel.

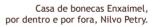


Caixa revestida de fibra de bananeira: Marilene Lessa de Lima.











Casinha germânica decorativa: Líria Leduc.





#### Medianeira

A região onde se encontra o atual município de Medianeira era conhecida como Gleba Iguaçu e pertenceu, até 1949, à empresa Miguel Matte, quando foi adquirida pelos fundadores da Colonizadora Pinho & Terra, da cidade de Bento Gonçalves, no Rio Grande do Sul.

Em 1950, os pioneiros partiram do Sul rumo ao local

onde seria fundada Medianeira. Eles já chegaram com o projeto da cidade pronto, incluindo os traçados das avenidas e ruas principais, com uma disposição em "x", e a localização próxima à Estrada Estratégica Federal, como era conhecida a ligação Foz do Iguaçu-Curitiba à época (hoje BR-277).





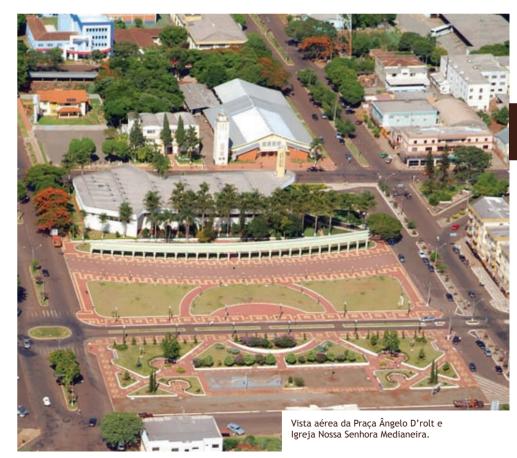
Festa em comemoração ao Dia da Independência do Brasil do Educandário Nossa Senhora Medianeira, que ficava na Avenida Brasília. Ao fundo vê-se a primeira igreja de Medianeira.



ponto zero está na Praça Ângelo D'rolt.

Os primeiros moradores, vindos do Rio Grande do Sul e de ascendência Italiana, começaram a chegar em 1951, em carrocas e cavalos. Já no Paraná, eles utilizaram como acesso à região a Estrada do Colono, que cortava a área do atual Parque Nacional do Iguaçu. Para transpor o Rio Iguaçu, eles utilizavam uma balsa.

Hábeis no cultivo da terra e empreendedores, os colonos formaram associações e cooperativas. Dez anos depois a vila já ganhava emancipação política de Foz do Iguaçu. Em 25 de julho de 1960, o município de Medianeira passou a existir oficialmente. O nome, escolhido por seus colonizadores, tem duas referências: homenageia Nossa Senhora Medianeira de Todas as Graças e marca geograficamente o município, que se situa no meio do caminho entre Matelândia e São Miguel do Iguaçu.



Capelinhas de Nossa Senhora da Salete.



# O artesanato em Medianeira

O crescimento da cidade e a instalação de grandes empresas trouxeram a Medianeira pessoas de diversos lugares do Brasil, o que complementa a diversidade do lugar.

Estes múltiplos olhares se refletem na variedade da produção artesanal. Exemplo desta diversidade é a produção de Cely Andreola, que mescla tecido e madeira, pinturas à mão livre com micangas e fitas.

Entra as técnicas mais exploradas no artesanato local estão as que utilizam como base o tecido.



#### Cely Catarina Andreola

Das tintas aos tecidos, Cely exercita sua criatividade entre várias técnicas e materiais. Com alma inquieta, está sempre procurando novas possibilidades e parcerias, o que se reflete em sua produção diversificada.

Telas abstratas e poéticas são a origem de sua produção. Em busca de referências locais, passou a produzir também objetos de madeira e acessórios de uso pessoal em tecido.

Entre seus produtos, estão capelinhas pintadas e decoradas com tecidos, contas e rendas, abrigando os santos de devoção da cidade, como Nossa Senhora Medianeira e Nossa Senhora Salete, entre outros. Coloridas e vivas, são símbolos do sincretismo popular.

As experimentações de Cely passam pela tintura natural, em que plantas e outros elementos locais servem de ingredientes na alquimia para colorir tecidos, que depois se transformarão em bolsas e acessórios contemporâneos.

De sorriso fácil e humor inabalável, a artista é dona de uma trajetória de sucesso, e com orgulho circula entre as galerias de arte e as feirinhas de artesanato.

Tendo a costura como técnica de suporte, destaca-se a utilização da serigrafia artesanal e do patchwork na estampa e decoração das peças. Bordados, aplicações e pinturas também possuem o seu lugar neste contexto.

Produtos em fibra de bananeira e madeira aumentam a gama de possibilidades, que se torna ainda mais ampla pela produção em cerâmica e vidro de Andrea Kutcher Ulgim. Dentro de tanta diversidade havia a necessidade de se encontrar elementos de unificação e identificação do artesanato com o contexto local.

Com este anseio, fruto da parceria entre Ñandeva e Prefeitura Municipal, foi realizada uma oficina criativa que permitiu o desenvolvimento de uma série de produtos artesanais com referências locais - a Coleção Ícones.



#### Andrea Kutcher Ulguim

Da pesquisa, estudo e experimentação, Andrea Kutcher Ulguim tira os subsídios para sua criação. Fundamentais para todo artista, estas são justamente as etapas que mais lhe atraem, pois está sempre em busca de conhecimento e aperfeiçoamento.

Esculturas em resina, cerâmica, pintura em aquarela e acrílica, desenho e sua atual paixão, o fusing, são seus meios de expressão. Ela está fascinada pela transformação do vidro através da técnica do fusing, não só pelo resultado visual, mas também porque lhe permite exercitar sua responsabilidade ambiental, através da reutilização de resí-

duos como garrafas coletadas no comércio e recortes de vidraçarias.

Além de sua produção pessoal, Andrea também ensina e dissemina a arte na cidade de Medianeira. Grande incentivadora e colaboradora para o desenvolvimento do artesanato local, cria peças com identidade, em parceria com outros artesãos.

Por trás da aparente fragilidade e timidez de Andrea, está uma mulher forte e determinada, com atitude e opiniões formadas. Apaixonada pelo que faz, ela não define sua atividade como trabalho. Sua arte é parte dela mesma, algo natural e indissociável.



Andréa Kutcher em seu espaço de trabalho e ensino da arte.



Pratos, corantes, vernizes e o esboço rabiscado no papel.

# Artesanato de Medianeira





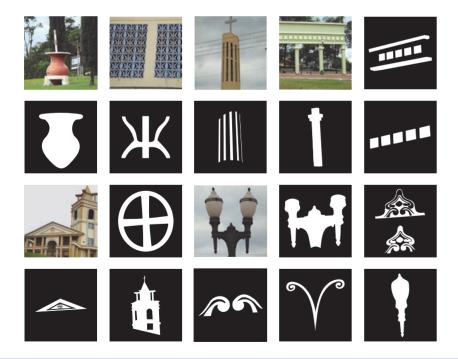


#### Coleção Ícones

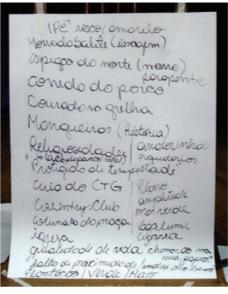
Medianeira é uma cidade jovem, contudo possui vários elementos arquitetônicos que se destacam na paisagem local. Mas, apesar desta variedade de elementos, a cidade carecia de produtos artesanais com maior identidade local. Foi para suprir esta necessidade que, num processo participativo, criou-se a Colecão Ícones.

Em oficinas desenvolvidas entre artesãos e designers, decidiuse utilizar como elemento conceitual justamente a variedade de referências. A aplicação de cada ícone remete diretamente ao elemento do qual ele foi extraído. Ao mesmo tempo, permite inúmeras formas de aplicação e abstrações em estampas e composições. O resultado são produtos com linguagem urbana e contemporânea.

Assim, o objetivo é que os produtos estampados com os ícones representem cada parte deste grande mosaico de influências que é Medianeira.



NAME AND ADDRESS OF TAXABLE PARTY.







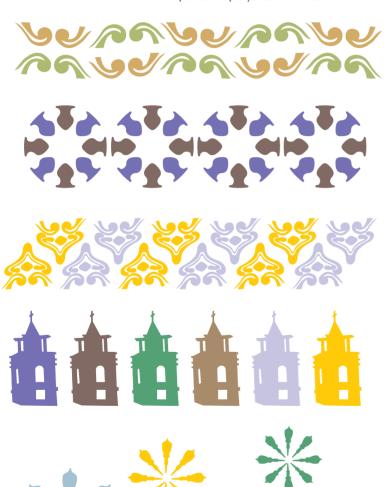
Construção do painel semântico.



## , Coleção **Ícones**

Elementos gráficos e identidade visual

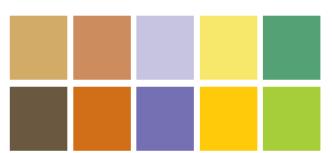
Exemplos de composição com os ícones.



Os ícones são representações gráficas feitas a partir de fotos de belos elementos urbanos que distinguem o município, desenhados a partir de um olhar atento aos pequenos detalhes de praças, monumentos e igrejas, entre outros.

Detalhes que, para a maioria, podem passar despercebidos, mas que, uma vez descobertos, tornam a percepção do local muito mais rica. Como em uma obra aberta, novas imagens e novos ícones poderão ser inseridos à Coleção, numa relação dinâmica do artesão com a comunidade, aquilo que a representa e seu anseio por novas criações.

Os produtos podem ser reconhecidos pelo uso da etiqueta de identificação e adquiridos com a Associação de Artesãos de Medianeira.



Paleta de cores definida para a coleção.





Etiqueta, frente e verso.













#### Pato Bragado

As origens de Pato Bragado coincidem com as de Marechal Cândido Rondon, cidade da qual fez parte até sua emancipação. A área onde hoje está situado o município possuía um importante porto, chamado de Porto Britânia. Este porto foi utilizado pelas obrages para o embarque, em navios a vapor, de erva-mate e madeira

retiradas de forma extrativista da região e levadas pelo Rio Paraná rumo à Argentina.

Os primeiros colonizadores da região, e consequentemente de Pato Bragado, foram trazidos pela Companhia Madeireira Rio Paraná - Maripá. Os colonizadores eram em sua maioria de origem alemã, provenientes do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina.



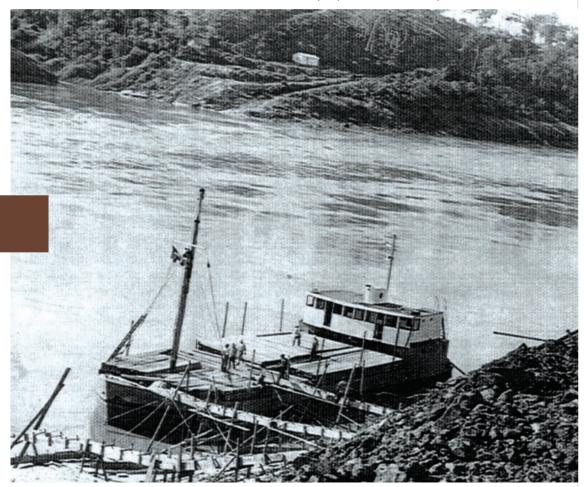
A vista aérea permite ver claramente como a correnteza do Paranazão era usada para o transporte de madeira rio abaixo rumo à Argentina.





Cruzamento entre duas das principais avenidas no centro de Pato Bragado, com algumas das primeiras construções da cidade.

Este é o próprio Pato Bragado, navio a vapor que deu nome ao município.



A denominação da localidade foi dada pela Maripá, em homenagem ao maior navio a ancorar até aquela data no Porto Britânia, que se chamava justamente "Pato Bragado".

Até o ano de 1955, existiam nas redondezas apenas uma fábrica de cerâmica e o escritório da Maripá. A primeira vila, com uma escola, surgiu em 1957. Em 1965, a Maripá planejou uma nova sede para Pato Bragado, construindo algumas casas a 1.500 metros da sede atual, conhecida como Km 10.

Os primeiros moradores cultivavam milho, feijão e arroz, além de se dedicarem à criação de suínos e bovinos para subsistência. Até hoje, a agricultura diversificada é uma das principais atividades econômicas do município.

Em 1962, a localidade de Pato Bragado tornou-se distrito de Marechal Cândido Rondon. O status de município e a consequente autonomia político-administrativa vieram somente em 18 de junho de 1990.

Desfile do primeiro trator da cidade, em 1965.





#### O artesanato em Pato Bragado

Pato Bragado é uma cidade pequena, em que a produção artesanal está bastante associada à produção de alimentos caseiros como pães, doces, biscoitos, embutidos e queijos. A estreita relação se vê até mesmo no espaço onde são comercializadas ambas as linhas de produtos: artesanato e produtos caseiros contribuindo um com a venda do outro.

A atividade artesanal também exerce uma função social, promovendo a integração entre os cidadãos. Boa parte deles tem algum tipo de produção complementar à atividade principal, seja de objetos ou alimentos.

As principais técnicas artesanais utilizadas pelos artesãos de Pato Bragado são as associadas aos fios e tecidos.

Grupo folclórico de dança típica alemã.



Um importante artista popular da cidade foi Orlando Borchardt, que se dedicava ao trabalho com a madeira, conciliando as técnicas do entalhe e da marcenaria.

Outro artista popular que está aos poucos ganhando reconhecimento é Antônio Oppermann. Seu jardim, onde estão expostas as esculturas, desperta a curiosidade de todos e tornou-se ponto de visitação na cidade.



Ícone da coruja retirado da escultura feita por Orlando, Elementos de Iconografia das Três Fronteiras.



#### Orlando Borchardt

Foi na década de 1960 que Orlando Borchardt, falecido em 2009, veio do Rio Grande do Sul para instalar-se na área rural de Pato Bragado, assim como muitos outros colonizadores da região. Ele trabalhou durante muitos anos na agricultura e no comércio de madeiras.

Aos 32 anos, e a partir deste contato com as madeiras da região, iniciou sua atividade artística, aprendendo a entalhar sozinho, somente pela observação. Com os restos de madeira de cinamomo e timbu, entre outras variedades que encontrava, começou a fazer bancos e cadeiras estilizadas. Aos poucos, passou a incorporar aos produtos, inicialmente apenas utilitários, figuras sacras e outros elementos entalhados.

Suas esculturas em madeira abriram caminho para o reconhecimento de sua expressão artística. Participou de vários salões nacionais e internacionais de arte, expondo em importantes museus de várias capitais brasileiras. Peças foram vendidas para diversos países, principalmente a Alemanha.

Além de suas obras, Orlando deixou um herdeiro de sua arte: seu filho Dirceu Valmir Borchardt. Com o ofício de marceneiro e escultor, busca manter esta tradição na família, mantendo viva na memória este homem que muito contribuiu para a elevação da arte na região.

Como todo município jovem, a construção da identidade do artesanato está dando seus primeiros passos em Pato Bragado.

Refletindo sobre suas próprias referências a partir da realização de uma Oficina Criativa, desenvolveu-se uma coleção de produtos artesanais que enfatiza a origem do nome do município, com uma abordagem sustentável: Coleção Eco-Origem.

Esta ação somente foi possível graças ao apoio de entidades locais, da Associação de Artesãos e da Prefeitura, em parceria com o Nandeva.



Interpretação de Antônio para o Barco Pato Bragado.

Antônio em seu jardim de esculturas.

#### Antônio Marino Oppermann

Antônio Marino Oppermann é um homem da lida, acostumado ao trabalho duro no meio rural e na construção civil. Essa força está refletida no material que utiliza para confeccionar suas esculturas: estruturas de vergalhões de ferro recobertas por cimento.

A rigidez, no entanto, fica apenas no material. As esculturas de Antônio são de extrema sensibilidade e refletem exatamente a sua visão de mundo, seu entorno, sua realidade e sua fantasia.

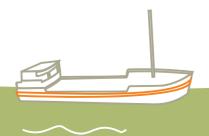
Arte ingênua, colorida cuidadosamente com generosa camada de tinta, sem se preocupar em ser o retrato fiel da realidade, contentando-se em ser o que é.

O belo jardim de sua casa se transformou em uma galeria a céu aberto, onde seus trabalhos estão expostos. É ali que ele recebe com timidez a admiração daqueles que passam e visitam. Timidez natural do artista que, ao doar-se a uma obra, revela algo de sim mesmo.





Eco-origem





#### Coleção Eco-origem

O município de Pato Bragado, mesmo sendo bastante jovem, apresenta um grande espírito cooperativo entre seus cidadãos. Esta capacidade de associação para um objetivo comum pode ser vista na organização de festas e outras atividades municipais e também se reflete no artesanato.

Em atitude pioneira na região, os artesãos decidiram trabalhar em grupo para a produção do artesanato local, criando a Coleção Eco-Origem.

A produção das peças é conjunta e as etapas são executadas segundo as habilidades de cada artesã: algumas cortam o tecido, outras costuram e outras bordam.

Aproveitando a parceria firmada com uma empresa de confecção da cidade, foi possível desenvolver produtos mais sustentáveis, utilizando retalhos e peças de tecidos de muito boa qualidade descartados pela indústria e que iriam para o lixo.





Atividades para definição de produtos e confecção de protótipos.

São produtos voltados para o universo da copa e cozinha, já que o grupo também tem parceria com pequenos produtores rurais, comercializando kits que contêm artesanato e alimentos da produção rural e caseira local.

As peças de artesanato são customizadas com bordados e pinturas que retratam o barco



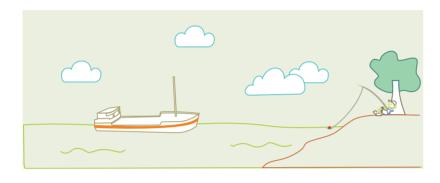
Artesã realizando trabalho em crochê

que deu origem ao nome da cidade, Pato Bragado.

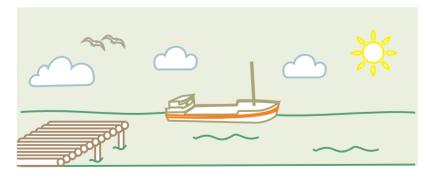
Pelo aproveitamento de materiais descartados, o nome da Coleção Eco-Origem remete tanto à questão ambiental (Eco) como ao fato de que o artesanato contribui para divulgar a identidade do município (Origem).

# Eco-origem

#### Elementos gráficos e identidade visual







Com base em fotografias, foram feitos os desenhos do barco Pato Bragado utilizados nos produtos. As artesãs foram convidadas a imaginar alguns cenários para contextualizar esses desenhos.

Surgiram então diversas possibilidades de desenhos, que retratam a madeira, o atracadouro ou como era a vida na época em que o barco singrava o Rio Paraná. Assim, os desenhos foram pensados para serem modulares, ou seja, cada árvore, nuvem ou outro elemento pode ser arranjado em diferentes

composições, permitindo ter variações na decoração das peças e facilitando a adaptação conforme o produto e área de bordado.

Cada peça recebe uma etiqueta que orienta como fazer sua lavagem e outra que indica a origem e o conceito da coleção. Foram também desenvolvidos banners, panfletos e convites para a divulgação da coleção, com identidade visual própria.

Os produtos estão disponíveis na ABA-Associação Bragadense de Artesãos.



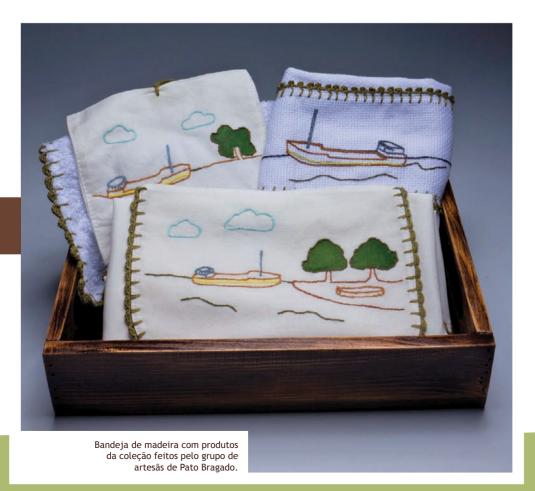
Etiqueta, frente e verso.







Detalhe do bordado livre aplicado em trilho de mesa, trabalho realizado em grupo pelas artesãs de Pato Bragado.







#### Santa Helena

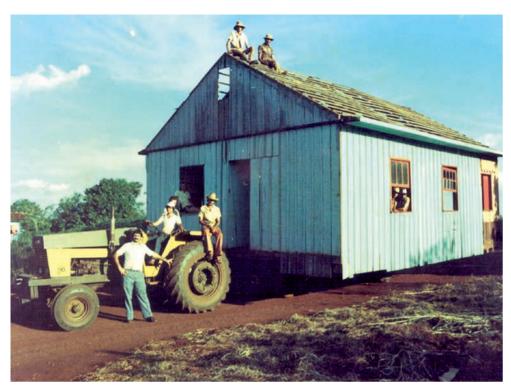
A ocupação inicial da área do atual município de Santa Helena, ocorrida em meados do século passado, deveu-se principalmente à extração da erva-mate e da madeira, como a maioria dos municípios do Oeste do Paraná.

A região só chamou atenção do governo brasileiro por conta da passagem da Coluna Prestes, nos anos de 1924 /1925. Na ocasião, em suas andancas e combates pela região, perseguidos pelas tropas legalistas comandadas pelo general Cândido Rondon, os revolucionários de Prestes, em retirada, queimaram uma ponte sobre o Rio São Francisco Falso, construída no início do século, e que após este episódio ficou co-nhecida como Ponte Queimada.

A presença de colonos migrantes em Santa Helena é percebida a partir de 1920, quando famílias de origem italiana, principalmente, vindas do Rio Grande do Sul, instalaram-se próximo à margem do Rio Paraná, constituindo um aglomerado populacional hoje conhecido como Santa Helena Velha.

Santa Helena Velha comandaria a vida econômica e social até meados da década de 1950, quando a Imobiliária Agrícola Madalozzo Ltda. definiu a constituição de um novo núcleo colonial, tendo como sede a atual localização da cidade de Santa Helena.

hoje submerso pelo Lago de Itaipu.



Tipo tradicional de mudança no oeste do Paraná, onde a casa é transportada por tratores.

Através da propaganda realizada pela Madalozzo, que evidenciava a possibilidade de exploração de madeira de lei e de erva-mate, enaltecia a fertilidade do solo vermelho e o baixo preço das terras, atraiu à região grandes levas de famílias, principalmente agricultores vindos dos estados do Rio Grande do Sul e Santa Catarina.

Seu desenvolvimento levou à emancipação política administrativa, em 1967, e nos anos 70 o município contava com mais

de 60 mil habitantes. O anúncio da construção da usina hidrelétrica de Itaipu e a possível inundação de grande parte do município, inclusive da própria sede, o que não se concretizou, gerou certa estagnação econômica. Isso fez com que habitantes se mudassem para outras cidades e regiões. Atualmente com cerca de 20 mil habitantes, Santa Helena tem como maiores fontes de recursos a agricultura e o turismo.

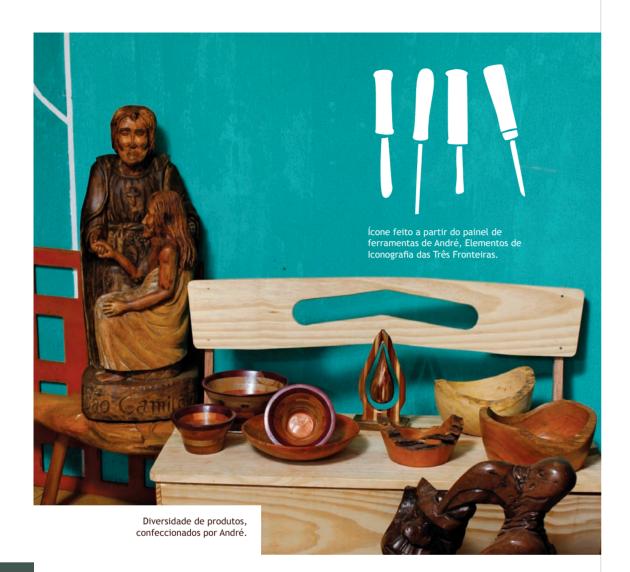
#### O artesanato em Santa Helena

A comercialização do artesanato da cidade de Santa Helena gera ocupação e renda extra aos artesãos. Com uma grande variedade de produtos em fios e tecidos, atende principalmente a demanda interna do município em peças de copa e cozinha, cama, mesa e banho, vestuário e decoração.

Destaca-se a grande habilidade manual dos artesãos, mesclando as tradicionais técnicas de bordado ponto cruz, bordado livre sobre tecido fino de cambraia, crochê, pintura em tecido, tricô, fuxico e confecção de bonecas de pano, com novas possibilidades como teares de prego, apliques variados e tingimentos com corantes naturais.

Trabalhos feitos a partir de decoração de peças em madeira e porcelana, além de modelagem em EVA e biscuit, também são encontrados na cidade. A cerâmica começa a ser desvendada pelo artesanato local, com uma produção ainda pequena.





A madeira de reaproveitamento de tacos para pisos tem se transformado em belos trabalhos de marchetaria maciça ou em bloco, para escritório e decoração.

Também trabalhando com a madeira, destaca-se o trabalho de André Marques, com reconhecimento regional.

Em busca de oferecer aos consumidores moradores da ci-

dade e também aos visitantes produtos mais contextualizados com a identidade local, realizou-se uma Oficina Criativa.

Com as parcerias firmadas entre entidades locais, Associação de Artesãos, Prefeitura e o Ñandeva, viabilizou-se a criação de uma coleção de produtos artesanais chamada de Coleção Terra e Água.

#### André Marcos Rodrigues de Oliveira

André Marcos Rodrigues de Oliveira traz em suas obras a sensibilidade de um artista que questiona a si mesmo e ao mundo. Aborda, com propriedade, temáticas relacionadas à sustentabilidade ambiental e à cultura rural da região.

Seu atelier, situado na cidade de Santa Helena, é palco da mágica transformação de grandes raízes de árvores em monumentos dedicados à natureza. Onças, tamanduás e figuras zoomorfas indefinidas surgem de raízes retorcidas, através da batida preci-

sa de suas ferramentas.

Sua produção é bastante baseada na disponibilidade das matérias-primas, que utiliza de maneira racional, tirando proveito do que cada peça de madeira bruta pode oferecer. Isso abrange peças utilitárias feitas em torno, esculturas, imagens, objetos decorativos e até mesmo móveis.

Em constante busca pelo reconhecimento ao seu trabalho, já teve oportunidade de participar de diversas exposições, feiras, entrevistas e livros.





Da esquerda para a direita: Elaine S. Conte, Maria Zandoná Reiter, Maria Euvira Ferronatto, Tânia Onishi, Deli Mine, Anelize Kozerski, Rosimeri Kreusberg, Adão de Jesus do Rosário, Maria Krauspenhar e Lídia Krahl. Ausentes na foto: Anilda Trati, Ivone Roth, Neide M. Balieiro e Senita Carvalho. Ao fundo, Painel idealizado por Poty Lazzarotto e executado pelo artista Lenzi.

## Santa Helena artesanato



#### Coleção Terra e Água

A Coleção Terra e Água foi buscar na história do município de Santa Helena sua principal referência. Os artesãos atuantes hoje pertencem a uma geração que vivenciou o momento exato do enchimento do reservatório de Itaipu, o que marcou suas vidas, tanto pela dimensão da transformação da paisagem, como pelas mudanças sociais ocorridas desde então.

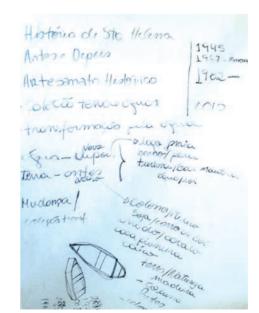
Este fato povoa o imaginário dos jovens que já nasceram com a paisagem transformada. Por outro lado, dá aos mais velhos o sentimento de saudosismo e de orgulho por ter estado presente num momento histórico, não só para suas vidas, mas para o município, a região e o país.

Neste contexto, a coleção usa como analogia ao seu nome o fato de que antes da formação do reservatório a cidade possuía mais terra e a agricultura era mais importante. Depois do reservatório, a porção de água ganhou importância e a praia e o turismo transformaram-se em fonte de recursos para a economia local.





Grupo reunido após a oficina criativa na loja da Associação de Artesãos.

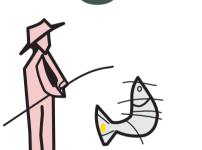


Painel com anotações para definição do conceito da coleção.



# coleção **Jerra**

























Etiqueta, frente e verso.

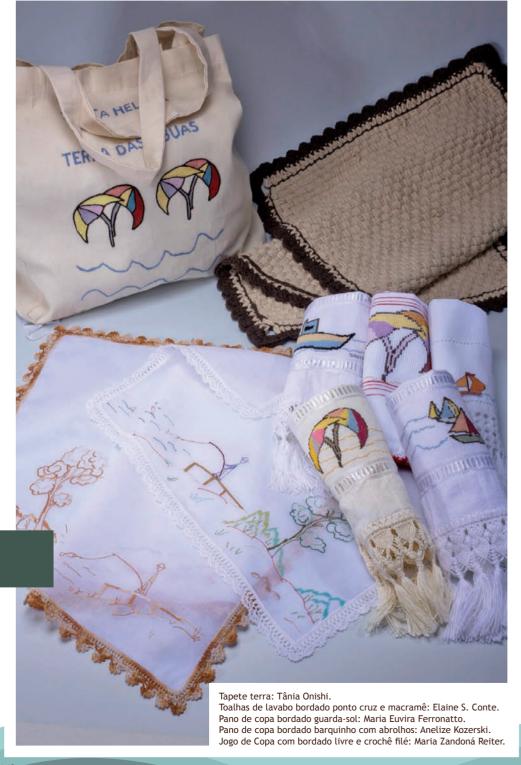
Como forma de representar graficamente nos produtos este conceito tão amplo, utilizou-se como objeto de referência o painel idealizado pelo artista plástico Potv Lazzarotto e executado pelo também artista plástico Adoaldo Lenzi. No painel, instalado na praça central da cidade, as imagens retratadas abordam justamente este processo histórico: o antes e o depois, a terra e a água.

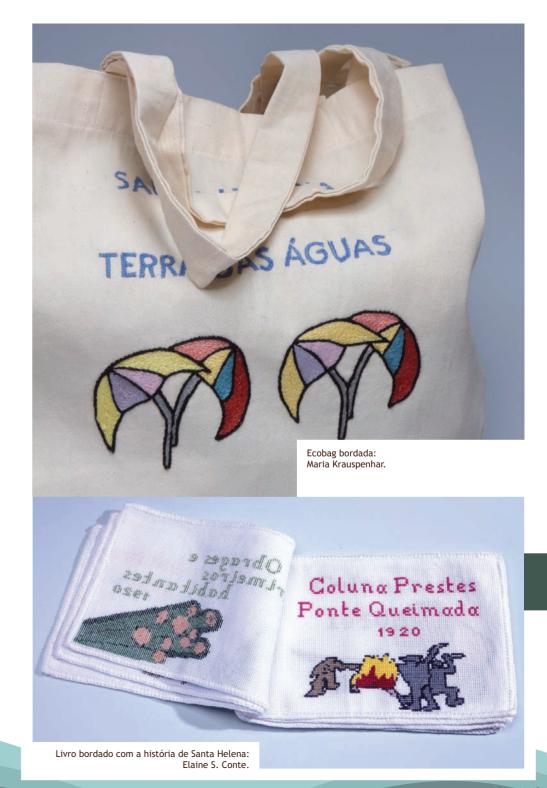
A utilização dos desenhos do painel foi estrategicamente escolhida, pois permite a relação direta entre o desenho aplicado nos produtos e este importante ponto turístico. Desta forma, o artesanato colabora para a divulgação do local, e o ponto turístico reforça a noção de identidade nos produtos.

Dos desenhos inspirados no painel foram feitas quadrículas de bordado e outras adaptações para aplicação nas peças.

A identidade visual da coleção traz a referência à água e à terra pelas cores e perspectiva das ondas/morros. Foi também aplicado em material gráfico para divulgação como panfletos, banners e etiquetas.

Os produtos desta coleção podem ser adquiridos na Associação de Artesãos de Santa Helena.



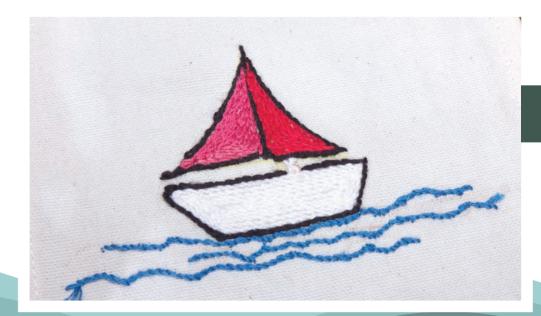








Ao fundo, porta-chaves: Deli Mine. Bandeja barquinho: Lídia Krahl.









Famílias de Santa Catarina migraram em busca de terras. almeiando transformar a região Oeste em área cafeeira, a exemplo da região Norte do Estado. Segundo os corretores da época, o solo seria semelhante e o clima favorável a este tipo de plantio. A derrubada das matas garantiria o investimento aplicado nos cafezais. Isto de fato aconteceu, mas a plantacão de café não obteve sucesso ém virtude do clima. Em julho de 1953, uma geada muito forte destruiu os cafezais. Mas, como a terra era de fato fértil, verificou-se sua viabilidade para o cultivo do milho, feijão, hortelã e, posteriormente, soja.

A partir de 1953, o progresso de Santa Terezinha de Itaipu foi significativo, já contando com estabelecimentos no ramo de secos e molhados e de materiais de construção, que atendiam as necessidades mais urgentes da pequena vila. A abertura da Rodovia BR-35, hoje BR-277, entre Cascavel e Foz do Iguaçu, facilitou o acesso ao município, inclusive dos compradores de terrenos, trazidos em automóvel da Colonizadora Criciúma.

Em 1955, foi construída a primeira casa de alvenaria, bem como o primeiro posto de gasolina e a primeira igreja católica da comunidade, batizada em homenagem a Santa Terezinha. Em 1981, uma consulta plebiscitária aprovou a emancipação do então Distrito Judiciário de Santa Terezinha. Como já existiam outros municípios com o nome de Santa Terezinha, ao nome do novo município acrescentou-se o da usina de Itaipu, à época ainda em obras.



Em datas comemorativas sempre eram realizados desfiles e procissões, sendo importantes eventos públicos da cidade na época.

Complexo Industrial Dal Bó: Serraria, Olaria e Marcenaria, em 1954.





João Olmiro conciliando o entalhe e a marcenaria.

## O artesanato em Santa Terezinha de Itaipu

Santa Terezinha de Itaipu se diferencia por ser uma cidade de trânsito, com comércio significativo, agricultura forte e o turismo em expansão. Seu desenvolvimento econômico atraiu pessoas de diversas outras regiões, o que influencia a dinâmica do local.

O artesanato desta cidade de certa forma reflete estas influências, sendo diversificado e mutante. Ele se transforma segundo as novidades em materiais e técnicas que chegam à cidade.

A grande maioria dos produtos usa técnicas próprias para fios e tecidos. Também são encontradas peças em biscuit e madeira, decoradas com pinturas e aplicações.

É com esta matéria-prima, a madeira, que João Olmiro executa suas peças, mesclando o entalhe e a marcenaria.



Pequena escultura modular com encaixes de um quati.



Coruja feita em madeira com detalhes pirogravados.

### João Olmiro

Autodidata, João Olmiro nunca fez cursos para aprender a lidar com a madeira. Através da observação e da curiosidade, desenvolveu-se nas técnicas do entalhe e da marcenaria.

Há mais de vinte anos nesta atividade, é do trabalho duro com a madeira que tira seu sustento e o de sua família. Mesclando o entalhe com a marcenaria, ele produz móveis sob encomenda, que ganham personalidade com detalhes feitos à mão.

Explorando outros materiais como cascas de coqueiros e fibras naturais, ele se lança a novas possibilidades para sua produção. Da madeira tira esculturas sacras, troféus, portas, móveis e vários outros objetos que compõem seu repertório artesanal.





Um importante representante nacional da arte sacra também reside em Santa Terezinha de Itaipu: Marcílio Soares.

Diante do crescimento do turismo na cidade, percebeuse a necessidade de se ter um artesanato mais representativo da identidade do local.

Por isso, a Associação de Artesãos de Santa Terezinha de Itaipu, a Prefeitura e o Ñandeva realizaram uma Oficina Criativa.

Esta ação permitiu que os artesãos pudessem refletir sobre os elementos da identidade local que são representativos para si mesmos e para os compradores de artesanato.

A partir desta reflexão, foram definidas três coleções de produtos artesanais, cada uma abordando um destes elementos.

## Marcílio Soares

Em um local privilegiado, com muito verde e cheio de encantos, tal qual um jardim secreto, estão a casa e o atelier de Marcílio Soares. Este renomado artista tem em seu jardim uma seleção de esculturas, que generosamente compartilha com a comunidade, para a qual abre suas portas.

A pintura sacra de Marcílio pode ser vista em diversas igrejas em todo o Brasil. Especialista também em restauro de pinturas e imagens, ele consegue dar vida nova a valiosas e históricas peças de arte.

Ganhador de diversos prêmios nacionais e internacionais, é considerado um dos principais artistas nacionais no gênero. A expressividade no olhar e a delicadeza de cada gesto percebido nos santos e anjos que ele retrata dão prova a este merecido reconhecimento.



## Santa Terezinha de Itaipu

Da esquerda para a direita:
Maria Inez Amaral Squinzani,
Aleida Cecília Ten Caten,
Zeli Dal Bosco, Neli Mezzari,
Rosa Osmarina Dal Toé,
Dalva Maria Almeida Tedesqui,
Maria Pieta,
Lourdes Maria da Costa,
Maria Alzira Assunção Colpo,
Marize Meri Adoryan,
Anete Maria Ten Caten e
Ivani Maria Picketti.

Ausentes da foto: Célia Pereira, Gilberto C. Oliveira, Leila S. Monteiro, Nair Siqueira e Teresa C. C da Silva.



## Coleções de Santa Terezinha de Itaipu

Coleção Rosas de Santa Terezinha, Coleção Praia e Coleção da Colônia. Este foi o resultado das reuniões entre artesãos e designers para criar uma coleção de artesanato que representasse o município. No processo e nas discussões, a opção foi criar não apenas uma, mas três coleções representativas, cada uma delas com referências próprias.

Para cada coleção foi criada uma logomarca que a identifica,

além de outros desenhos e imagens que as caracterizam individualmente.

Para dar unidade ao grupo de coleções, elas são apresentadas com etiqueta única. Banners, panfletos e convites contendo a descrição de cada coleção ajudam a divulgá-las.

Os produtos podem ser adquiridos na Artesti - Associação de Artesãos de Santa Terezinha de Itaipu.

Execução de protótipos durante a oficina criativa.





Produtos das coleções Praia e Colônia expostos em seu lançamento.





Confecção de painéis semânticos para a coleção.



Etiqueta, frente e verso.





A história de fé de Santa Terezinha está fortemente relacionada com as rosas, que são usadas como símbolo de sua devoção e caridade para com a humanidade. Por isso, a santa é sempre representada carregando essas flores em suas mãos. Tomando como referência este elemento, a Coleção Rosas

de Santa Terezinha apresenta produtos com uma linguagem romântica e suave. O nome da coleção remete tanto à questão religiosa e de associação ao nome da cidade, quanto pode ser interpretadas como sendo "rosas" as próprias artesãs de Santa Terezinha.



As águas do reservatório da usina de Itaipu formam a conhecida praia de Santa Terezinha, um local de lazer e contemplação para moradores e turistas. A Coleção Praia tomou como inspiração essa paisagem, traduzida pelos artesãos em peças de uso pessoal, adornos e acessórios para praia. As cores utilizadas remetem aos elementos da paisagem - os tons de verde da mata e da água, a areia e o laranja do pôr do sol.



Santa Terezinha de Itaipu tem a agricultura como forte fonte econômica, destacando-se a soja e o milho. A Coleção da Colônia se apropria desta característica do município em peças de copa e cozinha, nas quais os cereais são utilizados como elemento decorativo, aplicados em de bordados e pinturas. Remetendo a este universo, utilizam-se nesta coleção principalmente cores fortes como o amarelo e o verde, em tecidos naturais de algodão cru.





Detalhe de bordado em fita: Zeli Dal Bosco.



Pano de copa, toalha de banho e tapete de banheiro: Rosa Osmarina Dal Toé.





Costumização de chapéu de praia: Neli Mezzari.



Toalha de rosto com bolso para proteger objetos da areia: Neli Mezzari e Aleida Ten Caten.



Bolsa de crochê: Neli Mezzari.







Detalhe de bolsa porta-pratos pintada: Maria Inez Farias Squinzani.





Caderno de receitas e bolsas porta-pratos bordada: Aleida Cecília Ten Caten. Porta toalha de papel: Lourdes Maria da Costa, Maria Pieta e Marize Meri Adoryan.

Pano de Copa Bordado: Aleida Cecília Ten Caten. Tapete com aplique de crochê de milho: Anete Ten Caten.



# TEKOHA

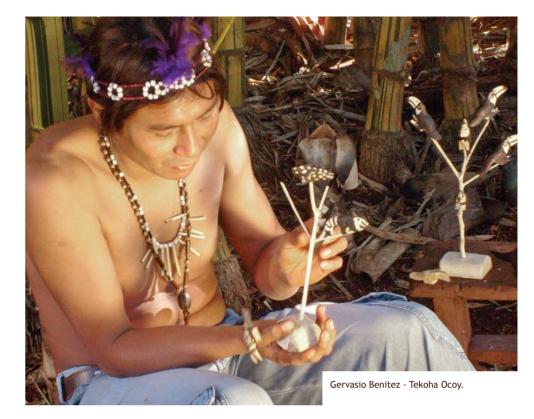
Ocoy - Itamarã - Añetete



"Somos uma árvore da vida. Nesses 500 anos perdemos nossos galhos, nossas folhas, nossos frutos, mas ainda restou o nosso tronco, porque nós temos raiz milenar e devemos preservar".

(Depoimento indígena durante o V Encontro Cultivando Água Boa - nov/2008).





Registros históricos do século XVI apontam a existência de núcleos guaranis distribuídos ao largo de toda a margem oriental do Paraguai e pelas duas margens do Paraná, limitado ao Norte pelo Rio Tietê e ao Oeste pelo Rio Paraguai. O núcleo de Iguaçu, localizado na confluência dos rios Iguaçu e Paraná era, no período, o mais povoado. Porém, com o fim das missões iesuíticas e a migração da populacão branca para este território. houve um declínio forcado da população indígena. Tal fato, entretanto, não impediu a resistência cultural daqueles que permaneceram - mesmo sendo inevitável o contato e o trabalho nas fazendas do entorno.

Na região Oeste do Paraná, encontram-se três comunidades guaranis que participam do "Programa Sustentabilidade de Comunidades Indígenas" da Itaipu Binacional: Tekoha Ocoy (São Miguel do Iguaçu), Tekoha Añetete e Tekoha Itamarã (Diamante D'Oeste). O programa objetiva promover condicões para a sustentabilidade do modo de vida guarani, promovendo o respeito à diversidade e a valorização da alteridade, considerando os seguintes eixos: melhoria da infraestrutura; produção agropecuária; fortalecimento da diversidade cultural; estímulo à formação de parcerias; e segurança alimentar e nutricional.



Os guaranis representam a terra (tekoha) como instituição divina, dada pelo Deus criador para a realização de sua cultura:

"O tekoha se constitui de área restrita, com limites claramente definidos por acidentes geográficos e que dá a noção da vida guarani em comunidade. Deve ser uma área com boa água, terras para o cultivo de roçados, espaços para a construção de casas e criação de animais, e onde possam erguer (...) suas casas de rezas onde praticam cerimônias e rituais religiosos" (Rubem F. Thomaz de Almeida - Antropólogo).

O artesanato para estes indígenas está intimamente relacionado com as atividades do cotidiano, utilitários e para uso nos rituais. Nas comunidades Ocoy, Añetete e Itamarã, os indígenas trabalham principalmente com

materiais naturais como bambu, bananeira, madeira, cabaça, sementes e penas.

Como manifestação cultural deste povo, o artesanato ganha vários significados, sendo fonte de preservação de sua identidade. Dos animais entalhados em madeira às cestas de bambu e fibras de bananeira, tudo tem uma simbologia própria, relacionada às suas crenças e costumes.

#### **Fontes**

CENTRO DE TRABALHO INDIGENISTA. Guarani Retã: Povos Guarani na Fronteira Argentina, Brasil e Paraguai. 2008.

SCHADEN, Egon. Aspectos Fundamentais da Cultura Guarani. 1974.

ALMEIDA, Rubem F. T. de. Laudo antropológico sobre a Comunidade Guarani-Ñandeva do Ocoy/ Jacutinga. Rio de Janeiro: Associação Brasileira de Antropologia, 1995.

Itaipu Binacional. Relatório de Sustentabilidade 2010. Foz do Iguaçu, PR: Itaipu, 2010.





Ao lado, cestos guaranis, e acima, produtos em argila em processo de secagem.

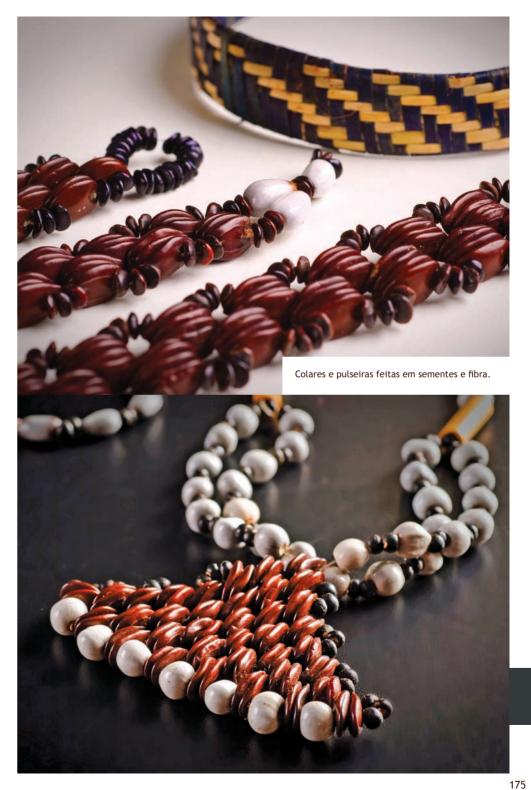


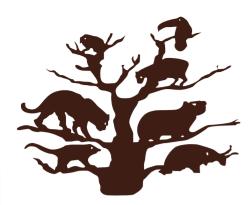






Macacos entalhados e desenhados com pirogravura.





## Árvore da vida

## O ícone do lago de Itaipu

Este ícone foi inspirado num artesanato indígena intitulado Árvore da Vida, que representa a visão da Comunidade Guarani do Ocoy por ocasião da formação do Lago de Itaipu, em 1982.

Previsto para se formar em 3 meses, o lago acabou enchendo em apenas 14 dias, o que provocou o refúgio dos animais nas copas das árvores, posteriormente resgatados pela Operação Mimba-Kuera.

Este momento simbólico representa não apenas o surgimento de um novo ciclo econômico para toda a região, como celebra a força da natureza e a renovação da vida.











## Publicações Ñandeva



Todos nós, todos nosotros, 2010.



Artesanato e Identidade Cultural, 2008.





Elementos da iconografia das Três Fronteiras, 2007.

## Conselho Gestor Trinacional do Programa Ñandeva

















# Por que o sol é lindeiro?

O reservatório de Itaipu é o elo que integra os municípios lindeiros do Oeste do Paraná. São suas águas que contam a história desta região, que lhes dão vida e diminuem distâncias.

Mas é o sol o astro principal, que todas as tardes realiza seu espetáculo de cores ao se pôr no Oeste, tingindo com nuances cor de laranja o azul do céu, ao mergulhar nas águas espelhadas do Lago de Itaipu.

Assim como o lago é o palco para o espetáculo da natureza, os municípios lindeiros são o cenário da busca pela valorização de sua própria identidade. Expressando sua cultura através da arte e do artesanato, esse povo demonstra seu orgulho sincero de ser o que é, de estar onde está.

Como o trabalhador que, após sua jornada, volta para casa, o sol, após cumprir sua trajetória diária, volta para o Oeste. Porque o sol, assim como nós, também é lindeiro.

## Ficha técnica e expediente

Coordenação Geral Ñandeva Ana Cristina Nóbrega

> Organização Izamara Carniatto

> > Parcerias

Sebrae PR - Ana Lucia Sousa
Conselho de Desenvolvimento dos Municípios Lindeiros - Sandra Finkler
PTI BR/Centro de Tecnologia para o Artesanato - Maria Cheung

Projeto Gráfico

L3 Comunicação - Foz do Iguaçu

Textos

Izamara Carniatto
Texto Comunidades Indígenas
Marlene Osowski Curtis
Vinicius Ortiz de Camargo
Revisão de Textos
Claudio Dalla Benetta

#### Fotografias

Alexandre Marchetti

(páginas: 14, 15, 20 a 22, 24, 30 a 33, 38 a 43, 45, 50 a 55, 60, 61, 63, 65, 70 a 73, 78 a 81, 83 a 85, 88 a 91, 96 a 99, 101, 103, 106 a 109, 115, 118, 119, 121, 126, 127, 132 a 134, 140 a 145, 150, 151, 160 a 171). Antonio Carlos Pitondo (páginas 152 a 155) Família de Orlando Borchardt Fernando Benega (páginas 169, 170, 172 e 173) Fundação de Amparo à Cultura e Educação de Medianeira Instituto Caminhos ao Lago de Itaipu Itaipu Binacional Izamara Carniatto Jean Pavan (páginas 58 e 59) Jornal O Mensageiro de Medianeira Maria Cheung Programa Ñandeva Projeto Memória das Cataratas - Foz do Iguacu Prefeitura Municipal de Guaíra Prefeitura Municipal de Itaipulândia Prefeitura Municipal de Marechal Cândido Rondon Prefeitura Municipal de Pato Bragado Prefeitura Municipal de Santa Helena Prefeitura Municipal de Santa Terezinha de Itaipu

### Agradecimentos

Sebrae PR

Artesãos e Artesãs dos Municípios Lindeiros ao Lago de Itaipu Cooperativas e Associações de Artesanato da Região Equipe Técnica do Programa Ñandeva

Editora
Parque Itaipu
Tiragem
500 unidades
Impressão Gráfica

Artes Gráficas Renascer Ltda





Tecnologia Social

Certificado pela Fundação Banco do Brasil em 2011

www.nandeva.org